U.PORTO
FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A Competição no Processo de Formação dos Jovens Futebolistas em Portugal

Estudo realizado em todas as Associações de Futebol do país

Andreia Patrícia Santos Pereira

Porto, 2007

U.PORTO
FACULDADE DE DESPORTO
UNIVERSIDADE DO PORTO

A Competição no Processo de Formação dos Jovens Futebolistas em Portugal

Estudo realizado em todas as Associações de Futebol do país

Monografia de Licenciatura realizada no âmbito da disciplina de Seminário do 5º ano da licenciatura em Desporto e Educação Física, na opção de Futebol, da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Orientador: Professor Jorge Pinto

Autora: Andreia Patrícia Santos Pereira

Porto, Dezembro 2007

Pereira, A. (2007). **A competição no processo de formação dos jovens futebolistas em Portugal**. **Estudo realizado em todas as Associações de Futebol do país.** Porto: A. Pereira. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Palavras-chave: FUTEBOL, FORMAÇÃO, COMPETIÇÃO, ASSOCIAÇÕES DE FUTEBOL, QUADROS COMPETITIVOS.

Agradecimentos

Nada na vida é gratuito e acontece por acaso…

…assim sendo, o objectivo, hoje alcançado, não é fruto do acaso, mas sim de uma sucessão de vivências, de acontecimentos, de reflexões e percepções, de encontros e desencontros. E, em todos esses momentos, deparamos com um conjunto de pessoas, que muito ou pouco, contribuem para a construção de um caminho, para o alcance de uma meta, oferecendo compreensão, amizade, alegria, conselhos, ou simplesmente a sua presença. É a essas pessoas que dedico esta página:

A todas as Associações de Futebol de Portugal e aos seus coordenadores, pela disponibilidade e prontidão que mostraram para a realização deste trabalho.

Ao meu orientador, professor Jorge Pinto, por todos aqueles momentos que reflectimos na busca do caminho a seguir. Obrigada pela compreensão!

A todas aquelas pessoas que sabem a importância que exercem na minha vida, e a forma como a ocupam. Não nomeio ninguém, na medida em que considero o “não nomear” a melhor forma de agradecer, dado que é gratuita e intemporal e porque estou certa de que deste modo ninguém será esquecido, uma vez que *“esquecemo-nos apenas o que podemos isolar na lembrança…”*

Índice Geral

Índice de Figuras

Índice de Quadros

Resumo

Actualmente, é reconhecido que o desporto é um dos factores que concorre para a formação de crianças e jovens, sendo a competição uma componente que lhe é indissociável. Apesar desta ter sido vista durante muitos anos como uma componente do desporto nefasta ao correcto desenvolvimento da criança, hoje, obtém distinção como o elemento mais estruturante de toda a formação desportiva da criança e como um aspecto determinante da sua educação.

Assim, o nosso estudo tem como objectivo: (1) conhecer o papel e a importância da competição no processo de formação de jogadores de futebol em Portugal; (2) identificar as características que a competição deve assumir ao longo do processo de formação; (3) saber as características das competições organizadas, ao longo do processo de formação em Portugal.

Para o efeito, e para além da realização de uma pesquisa bibliográfica, recorreu-se à elaboração de um inquérito (em anexo) que foi apresentado aos coordenadores de todas as Associações de Futebol (A.F.) de Portugal, como entidades responsáveis pela organização dos quadros competitivos nos escalões de formação.

O trabalho e a análise dos inquéritos permitiram concluir que:

a) Existe unanimidade entre as vinte e duas Associações de Futebol portuguesas quanto à organização dos quadros competitivos nos escalões de Iniciados, Juvenis e Juniores;

b) Não existe uma posição concertada entre todas as Associações de Futebol do país, relativamente à competição nos escalões inferiores aos Iniciados, ao nível do início da organização das competições, dos escalões preconizados, das formas competitivas, da periodicidade;

c) Todas as Associações de Futebol, em escalões inferiores aos iniciados promovem as competições dentro das proximidades geográficas.

Palavras-chave: FUTEBOL, FORMAÇÃO, COMPETIÇÃO, ASSOCIAÇÕES DE FUTEBOL, QUADROS COMPETITIVOS.

Abstract

Currently, it is recognized that sport is one of the factors that contributes to the formation of children and young people, and competition is an inseparable part of it. Although this has been seen for many years as a harmful component of sport to the proper development of children, today gets distinction as the most structuring element of the entire sports training of the child and as a crucial aspect of their education.

Thus, our study aims to: (1) know the role and importance of competition in the training of football players in Portugal; (2) identify the characteristics that competition should take over during the process of formation; (3) learn the characteristics of the competitions held throughout the process of training in Portugal.

To that end, and in addition to carrying out a bibliographic research, emphasise went to the drafting of an investigation (attached) that was submitted to the coordinators of all Football Associations (AF) from Portugal, as entities responsible for organizing the competitions at the lower levels of the competition.

The analysis of the surveys has permitted us to concluded that: A) There is unanimity among the twenty two Portuguese Football Associations in the organization of the lower levels of the competition *"Iniciados", "Juvenis*" and "*Juniores";*

B) there aren't concerted position's between all the Football Associations of the country, concerning the competition in the levels lower than "*Iniciados*", at the start of the organized competitions, the levels of competition, the periodicity; C) All of Football Associations at levels below those of "*Iniciados"* promote the competitions within the geographical vicinity.

Keywords: FOOTBALL, TRAINING, COMPETITION, ASSOCIATIONS OF FOOTBALL, LEVELS OF COMPETITION.

1 - Introdução

Nos tempos que correm um dos factos sociais de maior relevância é sem dúvida o desporto, e sobretudo o Futebol, o qual durante o Mundial dos Estados Unidos, segundo Costa (1997), fez o “mundo inteiro viver voltado para este país e acertar os seus relógios pela hora americana”. Assim, não se torna difícil aceitar que a popularidade do futebol se estende a todo o mundo, podendo por isso ser considerado um fenómeno social total (Costa, 2005).

A sua influência é ainda mais evidente junto às crianças, tornando-se a bola, desde muito cedo, um objecto de atracção e admiração, que as leva à adesão a esta modalidade. Note-se que de acordo com os dados oficiais da Federação Portuguesa de Futebol na época desportiva de 2000/2001 o número de jogadores inscritos como praticantes rondava os 9.642 no escalão de Escolas, e os 13.813 nos Infantis (Nunes, 2002). Já na época de 2005/2006 os números ascenderam para os 17.849 e os 18.960, respectivamente. Se aliarmos a estes dados, o facto do crescente número de escolas privadas proporcionando o ensino do futebol, encontramos a necessidade de nos debruçarmos sobre os moldes em que se desenvolve o ensino e a prática do futebol nos jovens.

Segundo Pacheco (2001: 11), a “evolução dos tempos, da sociedade e as recentes transformações operadas nos hábitos desportivos dos cidadãos, faz com que cada vez mais cedo se inicie a prática desportiva de crianças e jovens”. Fernandes (2004), mais direccionado para o futebol afirma que o “desaparecimento crescente do futebol de rua, onde a criança aprendia as destrezas motoras básicas do jogo, tem conduzido à necessidade de iniciar o processo de preparação cada vez mais cedo”. Face a esta realidade, faz todo o sentido averiguar como se desenvolve o processo de formação desportiva das crianças, ou melhor, se ele se adaptou à nova realidade. Note-se que o entendimento que fazemos do conceito de formação desportiva se refere a um “processo globalizante, que visa não só o desenvolvimento das capacidades específicas (físicas, táctico-técnicas e psíquicas) do futebol, como também a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde, bem como a aquisição de

um conjunto de valores, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, que contribuam para uma formação integral dos jovens (Pacheco, 2001: 39). De facto, "o desporto é ainda um espaço inigualável de formação humana, por ser um domínio cultural, criado livre de finalidades existenciais ou de sobrevivência" (Bento, 2004: 41). Contudo, essa importância formativa do desporto, e neste caso específico, do futebol, não raras vezes tem sido posta em causa. Como nos diz Marques (2004), muitos pedagogos têm-se oposto à adopção do desporto como um modelo de educação e de formação dos mais jovens, pois consideram que a competição promove nos jovens valores exacerbados de concorrência e de individualismo, em prejuízo dos valores de igualdade e solidariedade. Referências menos recentes como as de Passer (1986) ou as de Coakley (1986) dizem-nos que crianças até aos oito anos devem ser desencorajadas a participar no desporto organizado para jovens, acrescentando este último que a competição é geralmente irrelevante para as experiências dos participantes antes desta idade.

Actualmente, o valor educativo e formativo da competição é inquestionável, concluindo-se que a perda da competição pelo desporto desvirtuaria a sua essência, pois "competição e desporto confundem-se no entendimento da criança sobre o significado da prática. O sentido primordial do desporto para a criança é assim o jogo. É a competição." (Marques, 2004: 76) Este mesmo autor acrescenta que a competição se assume como uma oportunidade de avaliação das capacidades, na comparação consigo e com os outros, de criação de uma boa imagem social e de aquisição e desenvolvimento de valores para a sua vida em sociedade. Por outro lado, a competição é uma característica das sociedades actuais, "a sociedade é um sistema que funciona à base de oposições, de lutas, de competição" (Costa, 2005: 31) Assim, apesar de existir enorme identificação entre desporto e competição, ela não é um factor exclusivo das experiências desportivas, reflecte valores e objectivos sociais de diferentes sectores da vida, no qual o ser humano compete em todos os sectores onde actua: família, escola trabalho e sociedade (Júnior, 1999, cit, Júnior, 2004).

Partindo da opinião destes autores, verifica-se que o problema não reside no surgimento precoce da competição, mas sim nos moldes em que esta decorre, pois as competições servem à formação, embora seja necessário encontrar as propostas mais adequadas para o efeito (Marques, 2004). No entanto, a realidade constatada evidencia que o treino e a competição nas etapas iniciais do processo de formação desportiva continua a ser orientado à imagem do treino e da competição do atleta adulto, ou seja, perspectivado segundo a lógica do rendimento e da obtenção de resultados significativos tão depressa quanto possível (Lee, 1999; Marques e Oliveira, 2002; Brito et al., 2004; Fonseca, 2004; Marques, 2004; Paes, 2006). Daí que, Leandro (2003), defenda a urgência de processos de formação contínuos, com objectivos e com base em conteúdos bem programados. Contudo, a grande dificuldade na consecução destes processos formativos reside na incapacidade dos clubes no delineamento de metas para cada um dos seus escalões de formação, devido à desarticulação que muitas vezes existe entre os técnicos resultante da inexistência de um plano/modelo concreto de formação a longo prazo (Fernandes, 2004). Ainda assim, a questão que nos invade é, se de facto essa incapacidade dos clubes não surge de uma incoerência processual ao nível dos organismos que sustentam as suas competições, neste caso, as associações locais. De um outro modo, será que as formas competitivas sob tutela das associações desportivas cumprem com os princípios e as orientações formativas?

Neste contexto, o objectivo do nosso trabalho é:

- Conhecer o papel e a importância da competição no processo de formação de jogadores de futebol em Portugal;

- Identificar as características que a competição deve assumir ao longo do processo de formação;

- Saber as características das competições organizadas, ao longo do processo de formação em Portugal.

Assim, a partir destes objectivos estruturamos o nosso trabalho em oito pontos.

O primeiro ponto consta da introdução, onde expomos e delimitamos o tema, bem como a sua pertinência. Nela, explanamos também os objectivos a que nos propomos.

No ponto dois efectuamos uma revisão bibliográfica, onde abordamos os conceitos de formação desportiva e nos debruçamos sobre as competições.

No ponto três enumeramos os objectivos do trabalho, bem como as hipóteses.

O ponto quatro destina-se à discriminação dos procedimentos metodológicos fundamentais para a consecução do trabalho, tais como, a descrição da amostra, a metodologia da recolha de dados e os procedimentos estatísticos utilizados.

No quinto ponto é feita a análise e discussão dos resultados, resultantes da recolha de informação dos inquéritos ministrados aos coordenadores das Associações de Futebol.

No ponto seis apresentamos as conclusões ao trabalho.

O sétimo ponto destina-se às referências bibliográficas que nos apoiaram na realização deste estudo.

Por último, no oitavo ponto apresentamos os inquéritos utilizados na recolha de informação junto das Associações.

2. Revisão da Literatura

2.1. A Formação Desportiva

Reflectir a Formação Desportiva de crianças e jovens é, sem dúvida, uma tarefa complexa, na qual é necessário ter presente um entendimento claro acerca da sua essência e dos contornos que ela poderá assumir.

Os autores que se debruçam sobre este tema definem-na como um capítulo da Formação Geral, ou como um aspecto da Formação (Carvalho, 2002)

O conceito de Formação surgiu no século XIX pelo filósofo Humboldt, que entendia a formação como competência do indivíduo para levar uma vida sensata e como processo ou via que levava à aquisição dessa competência (Bento, 2006). Assim, vemos que o conceito de formação é entendido não só como processo, mas também como resultado. Dinello, (1973, cit. Feio, 1978), corrobora da mesma opinião, ao definir formação como a acção de dar forma a uma coisa, e igualmente o resultado desta acção.

Por sua vez, Feio (1978: 27) refere-se à formação como "processo de modelação do ser humano e a investigação do seu enquadramento sócio-cósmico por intermédio da cultura".

Contudo, Bento (2006), avança com um conjunto de elementos que considera estruturantes do conceito:

- Conotação antropológica - esta vê a formação como o objectivo supremo do Homem, ou seja, "uma formação contínua e recorrente (…) já que o Homem é o inacabado".

- Realidade histórico-social-cultural – na medida em que o Homem se forma "no confronto com as exigências e desafios inerentes ao património cultural, científico e técnico.

- Pluralismo de mundos – "O grande mundo é parcelado em pequenos mundos", sendo que um deles é, por exemplo, o desporto, contribuindo com os seus materiais e conteúdos para a formação do homem.

- Acontecimento dinâmico – assume o processo de formação como dinâmico e sem possibilidade de conclusão, na medida em que é um esforço, um processo e um resultado de todos os dias.

- Desenvolvimento / aperfeiçoamento – como o objectivo da formação.

- Constructo intrínseco ao sujeito – pois o sujeito é o trabalhador, o operário da sua formação.

- Liberdade – " a formação deve ser um acrescento da capacidade e liberdade de escolha, um estímulo à emancipação e à autonomia..." (Bento, 2006: 49)

- Prática versus teoria – a relação de coerência entre estas duas dimensões confere autenticidade à formação. São exemplos destas, respectivamente, o desporto e as suas instituições e as escolas e universidades.

- Processo / resultado – pois uma acção é caracterizada sobretudo pelo seu decurso, pelo que acontece durante a sua realização.

- Responsabilidade – dado que uma acção passível de gerar formação é uma acção fundada na responsabilidade.

Como vemos o conceito de formação é um constructo complexo de significados, que de modo algum surge de costas voltadas para o desporto, pois como nos diz Bento (2006: 52) "Dificilmente existirá outra actividade humana voluntária – sobretudo em situações de treino e competição – na qual sejam mobilizadas tantas forças, na qual seja, ao cabo e ao resto, tão fomentada a formação prática". Deste modo, podemos dizer que o desporto é chamado a desempenhar um papel na educação e na formação integral do ser humano (Lima, 1987), uma vez que, acrescenta Mesquita (1997), promove a vivência de situações que conduzem à aquisição de valores fundamentais do saber ser (humildade, autodisciplina), do saber estar (civismo, companheirismo, respeito) e do saber fazer (aquisição de vocabulário motor). É deste modo, que chegamos ao conceito de formação desportiva. Lima (1988) entende-a como um processo pedagógico, onde as actividades físicas e as actividades desportivas servem, de facto, como meio educativo-formativo das crianças e jovens. Pacheco (2001: 39) define formação desportiva como um "processo

globalizante, que visa não só o desenvolvimento das capacidades específicas (físicas, táctico-técnicas e psíquicas) do futebol, como também a criação de hábitos desportivos, a melhoria da saúde, bem como a aquisição de um conjunto de valores, como a responsabilidade, a solidariedade e a cooperação, que contribuem para uma formação integral dos jovens". Por sua vez, Garganta e Pinto (1998) descrevem-na como um processo a longo prazo que deve evoluir do fácil para o difícil e do menos para o mais complexo. Não menos importante é a definição de Bayer (1994) que vê a formação como um processo que visa tornar o jogador inteligente, capaz de agir autonomamente, utilizando os seus conhecimentos e as suas experiências.

Ainda realçando o carácter contínuo no tempo do conceito, citamos Bento (1997): "é sobejamente conhecida a pergunta sacramental de Humboldt: Qual é o fim supremo do homem? Não menos conhecidas e elucidativas são as repostas que ele nos deixou: Formar-se! Aumentar, desenvolver, elevar e transcender a forma originária, acrescentar-lhe formas novas e sempre mais perfeitas."

Como fenómeno universal perfeitamente integrado na sociedade actual, o desporto moderno, e por conseguinte, o futebol, obedece aos mesmos princípios desta sociedade, nomeadamente o do rendimento, o da hierarquização e o da organização burocrática (Costa, 1997).

Deste modo, a formação desportiva também se repercute de importância, segundo estes princípios, ao nível das instituições desportivas. Fernandes (2004), refere que a evolução do desporto profissional e das exigências de rendimento impostas, levaram a que a formação de jogadores se tornasse um aspecto indispensável para que no futuro possam surgir atletas de rendimento superior. Por sua vez, Pacheco (2001) refere-se ao futebol infanto-juvenil como uma escola de jogadores, que pretende dar formação adequada, para posterior integração nas equipas seniores, resultando daí um grande contributo para os clubes ao nível desportivo e financeiro.

Num estudo que constou da entrevista aos treinadores ou coordenadores dos escalões jovens de oito clubes de futebol, concluiu-se que todos consideravam a formação fundamental para os clubes, devido às fracas

possibilidades económicas e que normalmente os clubes descreviam a formação como primordial, no sentido de formar jogadores de qualidade para a equipa sénior (Mota, 1998). Mais recentemente, Leandro (2003) em entrevista a seis treinadores dos escalões de Iniciados a Seniores do F.C. Porto contactou a mesma realidade. Ainda Lemos (2005) afirma que a formação de jovens jogadores por parte dos clubes de futebol pode representar um aspecto decisivo para o sucesso dos mesmos não apenas no plano desportivo, mas também sob o ponto de vista financeiro.

Contudo, pensamos que a importância da formação para as instituições desportivas, não passa de um meio para atingirem unicamente os seus fins económicos e desportivos, negligenciando-se deste modo o seu principal alvo – a criança e o jovem. Bem pelo contrário, muitos autores defendem que o fim único da formação desportiva deverá ser a criança, o jovem e o Homem. Isto, porque "os jovens valem a pena e têm valor em si mesmos, não podendo ser um meio através do qual alcançamos as nossas ambições pessoais" (Lee, 1999: 130).

Assim, quando se trata de formação desportiva dos mais jovens, deve-se assumir que as crianças e os adolescentes não devem ser encarados como meros objectos de prática, mas sobretudo, como sujeitos da preparação, significando isto, que o treino e a competição devem situar-se num quadro estrito de respeito pela sua educação e formação, indo de encontro aos seus pressupostos e interesses (Marques, 1999).

Estriga (1996) refere que a actividade física somente tem sentido e significado na formação e educação do Homem quando o serve. Daí que deva ser objectivo da formação desportiva orientar correctamente as expectativas dos jovens, valorizando o esforço e o progresso na aprendizagem, colocando em primeiro lugar os seus interesses (Adelino et al 2000 e Pacheco, 2001). Assim, "as crianças devem ser encaradas como finalidades em si mesmas e nunca como instrumentos para que outros possam atingir as suas próprias finalidades" (Lee, 1999: 130). Daqui se entende, a necessidade das instituições ao serviço do desporto reestruturarem as suas orientações e os seus objectivos, pois ao colocar o bem-estar da criança em primeiro lugar, de certa

forma alcançam os objectivos desportivos e financeiros que tanto pretendem (Lee, 1999).

Com base no que acabamos de expor, podemos enumerar do seguinte modo os objectivos da Formação Desportiva:

- Contribuir para a formação integral e harmoniosa das crianças e jovens, através de uma prática sistemática indispensável à adopção de um estilo de vida sadio e activo;
- Promover uma actividade pluridisciplinar consentânea com as características de desenvolvimento, expectativas e motivação da criança e do jovem;
- Promover a aquisição de capacidades e habilidades técnicas de base para uma formação desportiva abrangente;
- Visar a aquisição de condutas e comportamentos cívico-desportivos respeitando a individualidade;
- Tornar o jogador inteligente, capaz de agir autonomamente;
- Formar jogadores de qualidade para posterior integração na equipa sénior.

2.2. As características da formação desportiva:

Com base em diferentes autores a formação desportiva deve ser entendida como:

- Processo pedagógico;
- Processo gradual e de complexidade crescente;
- Processo que se deve iniciar em baixas idades;
- Processo que proporciona à criança a oportunidade de viver a sua actividade desportiva com prazer.

2.2.1. A formação desportiva enquanto processo pedagógico

As actividades físicas sempre foram vistas pelo Homem como uma forma de o educar. Já aquando da formação das primeiras sociedades podemos constatar a utilização de actividades físicas, como forma de educar os jovens, a designada iniciação dos efebos. Como nos diz Luzuriaga (1969), o sentido mais profundo dessas práticas era a disciplina da alma. Também na Antiguidade Clássica o desporto era tido como um elemento importante na educação do homem. Para os gregos o caminho certo para a educação, passava pela educação física, pois defendiam que não havia educação sem desporto. Como nos diz Diem (1966), só um Homem educado fisicamente era verdadeiramente educado. (Júnior e Korsakas, 2006), seguem a mesma linha de pensamento ao referirem que na cultura grega, por exemplo, as actividades físicas e desportivas ocupavam um espaço importante na formação dos cidadãos.

Uns anos mais tarde Thomas Arnold, pedagogo inglês, considerado o pai do desporto moderno, introduziu os jogos populares nas escolas do seu país, dando-lhes uma concepção pedagógica e reconhecendo-os como meios eficazes de educação.

Assim, constatamos que o desporto, ao longo dos tempos, sempre foi visto segundo uma vertente pedagógica e educativa, inclusivamente quando

nos referimos ao desporto de alto rendimento. Gaya e Torres (2004) afirmam que o desporto de rendimento constitui-se num amplo espaço de formação e educação, apesar de se constituir numa pratica selectiva. De uma forma geral, Lee (1999) acrescenta que as experiências desportivas dos jovens são educativas e contribuem para o seu desenvolvimento. Por seu lado, Tese 458 vê o contributo da formação desportiva para a a formação global das crianças e dos jovens através de situações que favoreçam o desenvolvimento de capacidades, o enriquecimento da personalidade e proporcione a cada criança a oportunidade de usufruir da sua modalidade preferida.

Contudo, alguns investigadores (De Knop et al, 1999; Houlihan, 2000; Mesquita, 2004b; Shapson 2002), alertam para o facto da vertente pedagógica do desporto vir perdendo espaço, necessitando que a escola, os clubes, as federações e as associações desportivas actuem de maneira conjunta, para que seja respeitada a integridade do jovem ao longo da sua formação desportiva e educativa.

Graça (1999, cit. Mesquita, 2004b) referindo-se ao carácter pedagógico do desporto refere que só é possível estabelecer uma relação pedagógica autêntica quando o praticante é considerado como sujeito activo e consciente da sua própria aprendizagem. Isto, pressupõe que os processos de ensino, de treino e de competição sejam capazes de fomentar a autonomia do aluno e atleta, estando esta fundada na capacidade de julgar, de decidir e agir livremente, o que exige conhecimento e competência, responsabilidade individual e respeito pelos outros. Por sua vez, Marques (1999) acrescenta que a educação deve ajudar a criança a tornar-se independente e a tomar decisões por si própria. Ora, é neste âmbito decisional que o jogo é chamado a desempenhar uma importante função, dado que é ele que permite ao praticante vivenciar a oportunidade de escolha. Daí que Bento (2004) destaque o carácter pedagógico do jogo, evidenciando as oportunidades que este oferece aos praticantes de enfrentar desafios e exigências. Assim, a prática desportiva para as crianças deve recorrer ao jogo como meio de desenvolvimento motor e à exercitação como processo pedagógico de aquisição de um “saber fazer” e de transformações educativas (Lima, 2000).

Contudo, não devemos esquecer a importância da criação de envolvimentos de aprendizagem que promovam a motivação para a aprendizagem e que estejam apropriados ao conteúdo e às capacidades cognitivas e motoras dos praticantes, pois desta forma está-se indirectamente a incrementar a própria aprendizagem (Rink, 2001).

Assim, "a educação deve favorecer a aptidão natural da mente em resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Esse uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais expandida e a mais viva durante a infância e adolescência que, com frequência, a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar" (Morin, 2001: 39) Assim, pensar no desporto e na competição como meios de concretizar essa educação é entendê-los como ferramentas para o desenvolvimento pleno do ser humano.

2.2.2. A formação desportiva enquanto processo gradual e de complexidade crescente

Garganta, (1988) refere que a formação do futebolista não é uma sucessão linear e aleatória de factos. As capacidades deste apresentam um desenvolvimento segundo uma lógica ontogenética particular, sendo igualmente condicionadas pelo nível de exigência de cada modalidade e pela direcção metodológica preconizada para o processo de formação. É assim que somos remetidos para a noção de Fase. Segundo o mesmo autor, fase é entendida como a resultante das modificações sucessivas que as diferentes variáveis do processo de treino vão experimentando, traduzindo em cada momento o grau de evolução do praticante. Face a esta definição teremos de considerar duas realidades: as fases intrínsecas, que são aquelas que ocorrem segundo o processo natural de desenvolvimento do ser humano, e as fases extrínsecas, determinadas aquando do processo de treino e competição (Garganta, 1988). Por conseguinte, o processo de formação desportiva deve ser dividido em fases correspondentes às regularidades do desenvolvimento

biológico dos jovens e da prestação nas diversas disciplinas desportivas. Estas distinguem-se pelos objectivos, conteúdos e métodos empregues (Tschine, 1985, cit. Garganta, 1988)

Ao longo dos anos, muitos investigadores da formação desportiva, têm avançado com propostas de formação desportiva a longo prazo, baseando-se não apenas nas fases de desenvolvimento da criança, mas também nos períodos óptimos para a aprendizagem.

Na década de oitenta, são vários os autores que dividem o longo percurso de formação do futebolista em três grandes períodos: iniciação ou preparação global (9-12); formação ou especialização do futebol (12-16); rendimento (a partir dos 18 anos) (Heddergot, 1976, Segui, 1981, Boulogne, 1981, Ferreira e Queirós, 1982, Korcek, 1983, Mladenov, 1984, Ritschard, 1987, cit. Nunes, 2002)

Lima (1988) defende uma formação desportiva dividida em três etapas: iniciação (8-12), orientação (11-16) e especialização (17-40).

Greco e Benda (1998, cit,. Júnior e Korsakas, 2006) propõem uma estrutura de formação desportiva assente na criação do hábito da prática desportiva como preparação para uma vida saudável. Assim, dividem este processo em nove etapas, sendo que apenas apresentaremos algumas: fase universal (6-11) fase de orientação (11-14) e fase de direcção (14-16). Por seu lado, Côté (1999 cit. Dias, 2005) identifica três fases de desenvolvimento dos jogadores/atletas: os anos experimentais (6-12 anos), os anos de especialização (13-15 anos) e os anos de investimento (depois dos 16).

Bompa (2002, cit. Júnior e Korsakas, 2006), apela também ao desenvolvimento desportivo multilateral nas fases iniciais, sendo que divide o processo de formação em três estádios: iniciação desportiva (6-10), formação desportiva (11-14), especialização (15-18).

Paes (2006) avança, igualmente, com um processo dividido em três fases fortemente interrelacionadas, são elas: período inicial, período intermediário, especialização numa modalidade desportiva. Ainda podemos constatar uma proposta designada Formação do Atleta a Longo Prazo, que

divide o processo em sete fases (Balyi, 2004). Nessa, vemos que a primeira etapa se estende dos zero aos seis anos (Quadro 1).

Quadro 1: Etapas do modelo de formação do atleta a longo prazo

Etapa	**Idades compreendidas**
Início activo	0-6
Etapa dos fundamentos	6-9 (rapazes) / 6-8 (raparigas)
Etapa do aprender a treinar	9-12 (rapazes) / 8-11 (raparigas)
Etapa do treinar para formar	12-15 (rapazes) / 11-15 (raparigas
Etapa do treinar para competir	16-23 (rapazes) / 16-21 (raparigas
Etapa do treinar para ganhar	+19 (rapazes) / +18 (raparigas
Vida activa	Todas as idades

Após uma análise pormenorizada a todas estas etapas propostas, verificamos, uma grande similitude no que respeita às idades de início de cada uma delas, embora as designações que são dadas a cada fase sejam distintas.

Fazendo agora uma alusão àquilo que é preconizado em cada fase, Blázquez (1995, cit. Wein, 2003b), defende que nas primeiras fases de iniciação desportiva a diversidade e o treino com múltiplos propósitos devem prevalecer, de modo a proporcionar à criança a experimentação de situações diferentes, e de aumentar a sua “bagagem motora”. Deste modo, na fase compreendida entre os 6 e os 12 anos, as crianças devem ter a possibilidade de experimentar diferentes jogos desportivos e de desenvolver habilidades motoras fundamentais (como correr, saltar ou lançar, entre outras), enfatizando-se a diversão e a excitação pelo desporto. Entre os 13 e os 15 anos, aconselha que a criança se centre numa ou duas actividades desportivas específicas, provavelmente incitada por experiências positivas com treinadores, pelo encorajamento de colegas mais velhos, pelo sucesso ou pelo simples prazer da actividade. Após os 16 anos, ocorre o empenhamento por uma única actividade.

Greco e Benda (1998) referem um início da formação assente numa prática diversificada de actividades lúdicas, ampliando e diversificando as habilidades motoras e promovendo o desenvolvimento das capacidades físicas

de um modo global. Na passagem para a segunda fase objectivam a prática diversificada de várias modalidades desportiva, promovendo-se o ensino das técnicas, das tácticas e das regras dos desportos, ainda de um modo global, baseando-se em jogos pré-desportivos e formas simplificadas, evoluindo-se posteriormente para estruturas mais formais. Na última fase, verifica-se a especialização numa modalidade desportiva, procurando-se o aperfeiçoamento técnico, táctico e físico.

Ainda mais recentemente, Bompa (2002) enfatiza, na primeira fase, a diversão e o prazer na prática desportiva das crianças, focando o desenvolvimento desportivo geral, e incentivando a participação no maior número possível de modalidades desportivas, a partir de actividades modificadas (equipamentos, dimensões, número de jogadores, etc.). Na fase de formação desportiva (segunda) o desenvolvimento multilateral continua em voga, progredindo-se no final desta fase, para a aprendizagem específica de uma modalidades desportiva, com automatização das técnicas específicas e a introdução das tácticas e estratégias. Na última fase, o treino volta-se para o desenvolvimento do alto desempenho numa modalidade, com situações competitivas cada vez mais frequentes e formais.

Referências mais ligadas ao futebol, e que nos remetem para um início da preparação antes das idades acima referidas, defendem uma abordagem mais específica (no que concerne à modalidade em causa) mesmo em baixas idades. Garganta (2006c:16) refere que "…antes dos 6 anos a criança não está predisposta para cooperar. A bola é muito atractiva e há pouco lugar para outras coisas, pelo que é recomendável não reprimir o praticante, forçando-o a subordinar-se ao colectivo. Antes importa retirar vantagem dessa atracção da criança, para promover a familiarização com a bola. Nesta fase, aspira-se a que o praticante aprenda a controlar e a apreciar as trajectórias da bola".

Por sua vez, Wein (2004b), defendendo a criação de escolas de iniciação desportiva, nos clubes, para as crianças entre os 5 e os 7 anos, proclama a exposição desta, de uma forma lúdica, a uma grande variedade de actividades motoras, de modo a compensar os múltiplos défices motores que as actuais gerações têm no domínio do seu corpo, do espaço e do tempo.

Assim, estas escolas vêm de algum modo substituir a "formação natural", perdida, que ocorria na rua, referida anteriormente. Deste modo, suavizava-se os efeitos negativos inerentes à sociedade moderna. O mesmo autor, propõe que pelo menos duas vezes por semana as crianças com 5, 6 e 7 anos deveriam, entre outros, ter a oportunidade de: (1) reconhecer as possibilidades e limitações estruturais e funcionais do seu corpo, quer de uma forma global quer ao nível dos seus distintos segmentos; (2) desenvolver o seu estado mental-emocional e social por meio de jogos populares; (3) saber orientar-se e conhecer respectivamente as noções espaciais, as noções temporais, entre elas, o ritmo e a combinação de vários movimentos; (4) fazer experiências perceptivas com a bola, aprendendo com uma grande variedade de estímulos a avaliar correctamente a velocidade da bola, o ponto mais alto que ela poderá atingir, o possível lugar de queda, etc., utilizando para tal bolas de diferentes tamanhos, materiais, pesos e elasticidade; (5) desenvolver o domínio da bola, convertendo-se num "mago da bola", uma vez que com estas idades o seu principal desejo é estabelecer uma estreita relação com a bola; (6) estimular as crianças a conduzir, passar, receber e controlar bolas de diferentes tamanhos, pesos e elasticidade utilizando diferentes técnicas, inclusive com as mãos.

Como podemos ver, todas as fases supracitadas evidenciam uma sequência gradativa e crescente em complexidade, pois, como relembra Weineck, (1999, cit. Arena e Bohme, 2004), as crianças devem ser expostas gradativamente a experiências que exijam grandes responsabilidades ou pressões, devendo ser encorajadas a participar nessas actividades. Reconhece-se deste modo que a formação é um processo a longo prazo que deve evoluir do fácil para o difícil e do menos para o mais complexo (Garganta e Pinto, 1998).

2.2.3. A formação desportiva enquanto processo que se deve iniciar em idades baixas

A formação desportiva é actualmente um requisito inegável no futebol, pois como nos diz Proença (1984: 51) "todo o indivíduo é portador à nascença,

de um determinado potencial genético cuja expressão está directamente dependente das experiências ou vivências que lhe são proporcionadas". Daí que, seja de primordial importância que a formação comece cedo na vida da criança.

No entanto, não se pense que o que acabamos de dizer apenas se verifica no desporto. Segundo Schlaug (s/d cit. Fonseca, 2006), no domínio da música verifica-se que os indivíduos que tem uma maior capacidade para reconhecer os sons, iniciaram-se antes dos sete anos, sendo que após os dez anos as possibilidades de desenvolver essa aptidão são diminutas.

De um modo geral, no que se refere ao desporto, indica-se a idade dos 6 anos como a propícia para a iniciação desportiva. Bauersfeld (1991, cit. Marques & Oliveira, 2001) defende o início da prática de uma actividade desportiva em idade baixa (entre os 6 e os12 anos) para a construção de uma prestação desportiva a longo prazo. Por aqui se conclui que o êxito no desporto competitivo de alto nível deve-se, não só aquilo que se faz no momento, mas também ao que se fez no passado.

Bomba (1995) entende o período dos 6 aos 9 anos, como óptimo para a aquisição de habilidades motoras que permitem a apropriação e o conhecimento consciente do próprio corpo. Lima (1999), corrobora com o autor supracitado, acrescentando que a iniciação desportiva deve ser dirigida a crianças entre os 6 e os 12 anos. Garganta (2005b), remetendo-se especificamente ao futebol, defende que as aprendizagens importantes são feitas na infância e na adolescência, perspectivando-se o processo de formação como um episódio fundamental da vida desportiva de cada pessoa. A idade de ouro da aprendizagem, é considerada por Pacheco (2001) o período entre os 6 e os 12 anos – etapa de iniciação desportiva.

Por seu lado, Mesquita (1997) refere que a formação deverá ocorrer o mais cedo possível, mas sempre com respeito pelas leis do treino e pelo estado de desenvolvimento do atleta. Contudo, Garfia & Buñuel (1998) defendem que a idade de iniciação no Futebol deve circunscrever-se entre os 8 e os 9 anos, quando as crianças são capazes de praticar jogos colectivos, tanto pela melhoria das qualidades físicas e motrizes (força, percepção ou

coordenação), como pelo desenvolvimento das qualidades psíquicas (vontade, concentração e estabilidade emocional).

Referências mais recentes, como a de Wein (2004b), que se tem dedicado particularmente às questões da iniciação e formação no Futebol, considera que os clubes de futebol deveriam criar uma Escola de Iniciação Desportiva para as crianças com idades entre os 5 e os 7 anos. No entanto, há ainda quem avance com uma iniciação em idades anteriores. Frade (2005) defende ser possível e mesmo aconselhável começar-se muito cedo, dando o exemplo de alguns clubes argentinos e mexicanos onde as crianças se iniciam aos 3 anos. O mesmo acrescenta que é fundamental que os pés e o corpo se relacionem dos modos mais diversos, para que a coordenação na relação com o objecto que é estranho e que não nasce connosco seja facilitada, porque contrariamente ao que acontece na relação dos olhos com a mão, a relação dos olhos com o pé é muito mais exigente, muito mais difícil e quanto mais cedo se levar a efeito tanto melhor. No entanto, o autor salienta a necessidade de nestas idades a actividade dominante ser o Futebol, contudo, um futebol diferente (nas características) aos 2, aos 4, aos 8 ou aos 10 anos, mas onde a bola esteja sempre presente.

Ainda Neuss (s/d cit.Cooke, 2005), vindo ao encontro da opinião anterior, refere que as crianças podem começar a correr no campo atrás de uma bola a partir dos 3 anos, embora nestas idades não deva falar-se em ensino, nem dar a este aspecto uma atenção particular. Cruyff (1997) não especifica uma idade de iniciação, mas defende que a qualidade só se adquire praticando desde pequenino. Mais recentemente, Paes (2006) defende que a iniciação desportiva deve ocorrer o mais precocemente possível, pois a prática de desporto desde a iniciação poderá proporcionar à criança inúmeros benefícios.

As federações desportivas e os seus dirigentes têm também tecido algumas considerações sobre este assunto. A Federação Holandesa de Futebol é apologista de que a formação deva começar cedo, por isso divide os seus escalões de competição em seis categorias, iniciando-se nas idades de 6 e 8 anos. Já o director técnico da Federação Francesa de Futebol realça a

necessidade dos jovens iniciarem o contacto precoce com o futebol aludindo à prática deliberada do futebol de rua, ao referir ser nesta e em terrenos abandonados que os grandes jogadores adquiriam as bases funcionais especificas do futebol, antes de ingressar nos centros de formação (Dusseau, 2002, cit. Fernandes, 2004).

Ainda podemos citar o testemunho de alguns jogadores de elite, que vem de encontro àquilo que acabamos de referir. Ronaldo (2006:3) refere "“Lembro-me, criança, de pedir sempre pelo Natal uma bola aos meus pais. Nem computadores, nem bicicletas, nem nada disso. A minha infância foi sair de casa de manhã e só voltar quando rebentava a bola. Para mim, futebol não é uma profissão – é uma bênção de Deus. Adoro a bola. Na minha vida não me imagino a ser outra coisa a não ser jogador de Futebol”. Eusébio (2005) vai mais longe, dizendo convencer-se que enquanto outros bebés aprenderam a andar, ele aprendeu a chutar. E Maradona (2001:14-15) acrescenta, “tudo o que fazia, cada passo que dava, tinha a ver com isso, com a bola. Se a Tota me mandava buscar alguma coisa, levava qualquer coisa comigo que se parecesse com uma bola para poder ir jogando com o pé: podia ser uma laranja, bolas de papel, ou de trapos. Assim subia as escadas da ponte sobre o caminho-de-ferro, a saltar num pé – o direito – e levava o que fosse no esquerdo, tac, tac, tac... Assim ia para a escola, ou sempre que a Tota me mandava fazer um recado”.

Deste modo, podemos concluir a urgência de uma prática em baixa idade em actividades de jogo. Note-se que o facto de se iniciar cedo, não significa especializar em baixa idade, mas sim proporcionar às crianças a experimentação de diferentes formas de encarar o jogo, o encontrar de diferentes soluções para os problemas, a exploração das soluções desconhecidas, sem necessariamente nos preocuparmos com a correcção imediata. Assim, estamos a possibilitar a ocorrência de uma formação generalizada, que até a alguns anos atrás ocorria ao “ar livre”, pelas brincadeiras de rua, pelos jogos e pelos espaços disponíveis, ou seja, uma formação natural (Barbanti e Tricoli, 2004). E, não nos podemos esquecer que

esta é a base do treino especializado, para a aquisição de um desempenho superior.

2.2.4. A formação desportiva enquanto processo que proporciona à criança a oportunidade de viver a sua actividade desportiva com prazer

A formação desportiva deve ser um lugar onde a iniciação desportiva se constitui como um processo de educação, que dê à criança a oportunidade de conhecer o desporto, de tomar o gosto pela sua prática e de usufruir desse conhecimento durante toda a vida (Paes, 2006).

Esta é uma afirmação que faz todo o sentido, ainda mais se nos reportarmos ao discurso de alguns desportistas dos nossos tempos, pois, damos conta do "encontro" com o desporto, do gosto pela sua prática, e da perenidade do mesmo. Cruyff (1997:49), reportando-se à maior praça de Amesterdão, recorda: "Jogar lá dava tanto prazer, como a um profissional inglês disputar em Wembley a final da Taça. Eu sempre senti prazer a jogar.". Maradona (2001: 14) acrescenta, "E onde nos divertíamos é no campo, com a bola. Isso fazíamos em Fiorito e isso mesmo fiz sempre, estivesse a jogar em Wembley ou no Maracanã, com cem mil pessoas presentes.

Apesar destes depoimentos, a maioria das vezes esquecemo-nos deles nas nossas práticas correntes e fazemos com que as nossas crianças e jovens percam o gosto e abandonem o desporto. Quem não assistiu já a sessões penosas, onde se sujeita os praticantes a exercícios fastidiosos, cujo transfere para o jogo é manifestamente reduzido ou nulo? E quem já não se apercebeu da esterilidade dessas situações e do desprazer que causam naqueles que as experimentam? (Garganta, 2006c) Como nos dizem Marques (1997) e Adelino et al (2000), o desejo dos adultos de vitórias a curto prazo nas competições, subverte toda a lógica de programas que deveriam estar centrados na formação, esquecendo-se que a alegria, satisfação e prazer de participar são pré-requisitos fundamentais do desporto infantil e juvenil. Corroborando com esta opinião, temos Bracht (2001, cit Gaya e Torres, 2004) ao referir que no desporto de rendimento as acções são julgadas pelo seu resultado final, a

performance desportiva mensurada / valorizada em função do código binário vitória - derrota. O treino e os seus meios também são medidos pelo resultado final. A própria prática, o processo, a fruição do jogo não assumem importância significativa para o sistema.

Lembremo-nos que a prática desportiva deve satisfazer, em primeiro lugar, as necessidades da criança e do jovem (Júnior e Korsakas, 2006).

Quando se questiona as crianças os motivos pelos quais gostam de praticar desporto, a resposta situa-se na possibilidade de jogarem e de competirem, muito mais do que obterem promoção e estatuto pelos êxitos alcançados (Harris; Kimiecik, 1996; Weeinberg et al, 2000, cit, Mesquita, 2004b). Num estudo realizado por Gonçalves (1999), nos jogos colectivos, 80% dos jovens entrevistados preferiam pertencer a equipas onde sabem que têm possibilidades de jogar do que a outras em que, mesmo tendo estatuto de campeãs, as oportunidades de jogar são reduzidas. Por sua vez, Lee (1999), num estudo que visava perceber aquilo que os jovens consideravam importante no desporto através de entrevistas a um universo alargado de crianças e jovens, verificou que "vencer" foi referido por cerca de 95% dos entrevistados, apesar de que, quando se estabelecia uma hierarquia nos aspectos referidos, o mesmo "vencer" se encontrava no final da lista. Para eles o elemento determinante é o prazer que retiram da actividade.

A respeito da importância do prazer na actividade, surgiu, no âmbito da Psicologia do Desporto, uma teoria – Modelo do Compromisso Desportivo – que defende que o prazer na actividade, entre outros factores, é um aspecto essencial e decisivo no compromisso com o mesmo (Scanlan et al, 1993). Damásio (2000) acredita que as pessoas procuram e forma consciente ou não consciente sentimentos que lhes causem prazer, afastando-se dos que lhe tragam dor ou tristeza. Assim, quando sentimentos de prazer estão associados a determinadas acções/actividades, estas tendem a ser realizadas mais frequentemente e de forma convicta. Deste modo, é o prazer obtido da prática de determinada actividade, que leva a criança a permanecer nela, a repeti-la. Daí que Garganta (2006c ou 2004) afirme que a busca do prazer pelo treino e pelo jogo deva ser uma preocupação permanente, no sentido de não

comprometer a eficácia e a continuidade da prática desportiva de crianças e jovens. Wein (2005b) partilha da mesma opinião, uma vez que defende que as crianças devem divertir-se e encantar-se com o jogo. Assim, o prazer e a fruição constituem, actualmente, factores determinantes na motivação pela prática desportiva (Deci, 1985, Ryan, 1985, Harris, 1996, Kimiecik, 1996, Weinberg et al., 2000, cit Mesquita, 2004b).

Contudo, não se pense, que a necessidade da criança usufruir com prazer da actividade se repercute apenas na sua adesão a ela. Garganta (2006c), refere que o facto da criança e do jovem retirarem prazer da prática de uma actividade (neste caso específico do futebol) é extremamente importante, uma vez que a emoção e a razão validam a escolha da estratégia e da tomada de decisão. Isto quer dizer que, quando não há uma memória consciente das vantagens estratégicas, são as emoções que comandam os nossos gestos. É a memória que o nosso cérebro retém do prazer ou da dor, sentidos nesta ou naquela circunstância que faz com que ele prefira esta ou aquela decisão, de forma a repetir ou a repelir a dor (Damásio, 1994).

No entanto, a emoção também tem um papel a desempenhar na aprendizagem. As emoções influenciam significativamente as aprendizagens através da ajuda na construção de significados, na orientação da motivação e no comportamento cognitivo (Jensen, 2002). Goleman (2002 cit. Oliveira, 2004) sugere que as aprendizagens que impliquem estados emocionais têm efeitos mais prolongados. Neste sentido, "uma boa aprendizagem não evita as emoções, abraça-as".

Assim, uma boa formação desportiva, deve ter em atenção o factor "prazer", dado que "uma boa parte do futuro dos Futebolistas decide-se na infância*.".* Cruyff (1997:14). Conclui-se desta forma que o desporto para os mais jovens deve ser conotado principalmente pelo seu sentido formativo e educativo, sendo baseado em toda a dimensão lúdica que ele pode proporcionar, independente do nível de prestação. O foco principal sempre estará na possibilidade de oferecer às crianças e aos jovens o prazer de jogar, de partilhar e de aprender como impulso para o seu desenvolvimento motor, cognitivo e afectivo (Kirk, 2005), pois os primeiros contactos que

proporcionamos aos jovens, numa dada actividade desportiva revelam-se decisivos para o sucesso e continuidade no desporto que elegem, bem como para a respectiva formação pessoal (Garganta, 2004)

2.3. A competição no processo de formação desportiva

Como já vimos, é de opinião corrente que o desporto, e no nosso caso o futebol, é um dos factores que concorre para a formação de crianças e jovens. No entanto, o desporto tem no seu contexto uma componente que lhe é indissociável, a competição (Júnior & Korsakas, 2006). É esta, que origina que muitos pedagogos tenham oposto uma grande resistência à adopção do desporto como um modelo de educação e de formação dos mais jovens, ao promover valores exacerbados de concorrência e de individualismo (Marques, 2004). No entanto, se reflectirmos um pouco a nossa sociedade verificamos esses valores inerentes ao seu próprio funcionamento, a nossa sociedade é competitiva. “A sociedade é um sistema que funciona à base de oposições, de lutas, de competição” (Costa, 2005: 31). Assim, a competição assume-se como uma ferramenta social e cultural, sendo o uso que se faz dela, que determina a qualidade do processo de educação e formação dos jovens desportistas (Bento, 1999). Marques (2004: 77) afirma que “a competição – o jogo – é o elemento mais estruturante de toda a formação desportiva da criança e um aspecto determinante da sua educação, na sua preparação para a vida.” O mesmo ainda acrescenta que o Homem, na sua relação com a natureza e consigo próprio, percebeu a competição como um factor de humanização e de progresso. Na mesma linha de pensamento encontramos Júnior (1999, cit. Júnior, 2004) ao declarar que apesar de existir enorme identificação entre desporto e competição, ela não é um factor exclusivo das experiências desportivas, reflecte valores e objectivos sociais de diferentes sectores da vida, no qual o ser humano compete em todos os sectores onde actua: família, escola trabalho e sociedade.

Deste modo, actualmente, o valor educativo e formativo do desporto, e por conseguinte, da competição é inquestionável, sendo que retirar a competição ao desporto seria desvirtuá-lo. A competição é a essência do desporto, sem a qual este próprio deixa de o ser, de existir (Marques, 2004).

Por outro lado, há ainda quem refira que em vez de se retirar a competição ao desporto, se deva ignorar os resultados, ou seja, equiparar o valor da derrota e da vitória.

Ora, Marques (2004) defende que este tipo de discurso é um erro que se incorre com frequência, devido a um excesso pedagogicista. E acrescenta que, ignorar o significado da avaliação que a actividade proporciona à criança é reduzir o desporto a uma coisa acultural, quase biológica, sem o sentido primordial que ela lhe atribui. Ao encontro desta ideia citamos Lee (1999), que defende que todas as crianças gostam de se auto avaliar, tanto em confronto com aquilo que antes eram capazes de fazer como em confronto com os outros, e são ambas as coisas que lhe dão uma medida do seu progresso, pelo que cabe ao treinador usar a competição como parte do processo do seu desenvolvimento. Assim, a competição assume-se como uma oportunidade de avaliação de capacidades, na comparação consigo e com os outros, de criação de uma boa imagem social e de aquisição e desenvolvimento de valores para uma vida em sociedade. Salienta-se, contudo, que nesta fase de início do processo desportivo, a criança não vê a competição como um meio de superioridade sobre os demais, mas sim como motivo de afirmação de competências (Oliveira, 2007).

Por outro lado, o próprio treino perderia todo o sentido se não houvesse um esforço envolvido na superação do adversário. Ganhar e perder são contingências do desporto, e talvez a sua vivenciação seja a melhor forma de aprendermos a conviver com ambas as faces da disputa (Gaya e Torres, 2004). Para Marques (2004) tanto a competição como a vitória devem ter regras e princípios, ajustados aos modelos de formação, pois a criança terá dificuldade em rever-se num modelo de desporto sem vencedores nem vencidos, que não se habituou a identificar na relação com os seus ídolos.

Deste modo, compreendemos a importância que assume a competição para a formação do jovem praticante, não devendo por isso exclui-la do universo de possibilidades da criança, mas antes reconstruí-la à sua imagem, como nos diz Marques (2004: 76), "Pensá-la mais à medida dos interesses, expectativas e necessidades da criança…construir uma competição que não

apenas corresponda à sua vontade de manifestar as suas capacidades, mas seja também compatível com as suas aptidões e competências.

No entanto, ainda hoje se assiste a quadros competitivos no desporto infanto-juvenil muito tradicionais, com estrutura, regulamentos e conteúdos muito próximos (senão iguais) aos dos adultos. Ainda se constata que o treino e a competição nas etapas iniciais do processo de formação desportiva continua a ser orientado à imagem do treino do atleta adulto, ou seja, perspectivado segundo a lógica do rendimento e da obtenção de resultados significativos tão depressa quanto possível (Lee, 1999; Marques e Oliveira, 2002; Brito et al., 2004; Fonseca, 2004; Marques, 2004; Mesquita, 2004b; Paes, 2006). Balyi (2004: 18) levanta a seguinte questão: “em modalidades colectivas, como o futebol, o voleibol ou o basquetebol, quem organiza e define os regulamentos das competições dos atletas entre os 6 e os 16 anos? Na verdade, elas acontecem por tradição. Não existe propriamente uma construção com objectivos pedagógicos a servir a preparação dos jovens praticantes”.

Face a esta realidade muitos autores lançam alertas, no sentido de alterar o panorama geral das competições para jovens. Lee (1999: 134) profere, “permitam que cada jovem possa competir num nível adequado à sua capacidade e que isso proporcione um desafio realista. Permitam que todos experimentem a competição.” (Lee, 1999:134). Arena e Bohme (2004: 47) na mesma linha de pensamento defendem que “a competição faz parte de um processo de formação desportiva inicial, porém com adaptações compatíveis com o desenvolvimento bio-psico-social da criança. Do mesmo modo, o sistema de competição deve ser modelado em função das características do escalão etário (Mesquita, 2004b). Ainda Júnior e Korsakas (2006: 253) defendem que “…competir deveria ser uma prerrogativa da criança, e não dos adultos que fazem parte do processo. Como a competição infantil, via de regra, é organizada, dirigida e avaliada pelos adultos, a participação da criança em actividades desportivas deve ser analisada sob os diferentes aspectos que compõem esse universo e que devem actuar de forma equilibrada para garantir

ao participante um mínimo de satisfação, segurança e não se transformar num factor de stress."

Assim, podemos depreender a necessidade de reflexão que carece o envolvimento competitivo de crianças e jovens, na medida em que deve ser orientado por um caminho de coerência entre aquilo que se defende para a formação desportiva e por conseguinte, para o treino. Isto porque a competição e o treino são os dois vectores pelos quais a formação desportiva se concretiza.

Alguns estudos efectuados têm fornecido algumas orientações para se proceder a alterações conscientes dos actuais quadros competitivos, fundamentalmente porque não se respeita o que as crianças, de uma forma geral, mais procuram e gostam na actividade desportiva. Um desses estudos pertence a Robert Rotella e Linda Bunker (1998, cit. Fonseca, 2004) que questionaram os participantes de uma liga local de futebol juvenil, nos EUA, acerca daquilo que poderia tornar o jogo mais divertido. Todas as sugestões dos jovens concorriam no sentido de proporcionar mais tempo de intervenção no jogo a cada um dos seus intervenientes. Num outro estudo, desta feita realizado por Gonçalves (1999), no âmbito dos jogos desportivos colectivos, 80% dos jovens entrevistados preferiam pertencer a equipas onde sabem que têm possibilidades de jogar do que a outras em que, mesmo tendo estatuto de campeãs, as oportunidades de jogar são reduzidas. Por sua vez, Lee (1999), num estudo que visava perceber aquilo que os jovens consideravam importante no desporto através de entrevistas a um universo alargado de crianças e jovens, verificou que "vencer" foi referido por cerca de 95% dos entrevistados, apesar de que, quando se estabelecia uma hierarquia nos aspectos referidos, o mesmo "vencer" se encontrava no final da lista. Para eles o elemento determinante é o prazer que retiram da actividade. Ou seja, vencer faz parte das suas vontades quando competem, mas o que os leva a praticar desporto e a competir é o prazer que têm (Lee, 1999).

Assim, os modelos actuais apresentam características que parecem não coadunar-se nem com as características e particularidades da criança, nem com as necessidades da formação (Marques, 2004).

Deste modo, compreendemos a indispensabilidade de nos comprometermos com a “des-construção” dos modelos de competição mais evoluídos, sem medo de os descaracterizar, uma vez que o tempo de aprendizagem faz-se de experiências ricas, significantes e adquiridas pacientemente, não sendo com a rápida evolução para modelos evoluídos que se conseguirá o quadro que sustentará condições de resposta mais efectivas e rápidas. Quer isto dizer, que devemos encontrar modelos de competição que em cada fase da preparação se identifiquem coerentemente com as possibilidades dos mais jovens e com as propostas de treino que desenvolvemos (Marques, 2004). O mesmo autor acrescenta que não respeitar essa coerência é não perceber que nem o quadro de aprendizagem que lhe podemos proporcionar, nem o seu apetrechamento biológico, motor, cognitivo, psíquico e social lhe permitem responder de forma adequada a tão grandes e complexas exigências. De tal situação incorre frustração e demonstra desrespeito pelo plano pedagógico que ostenta o desporto. Por isso, as competições devem ser modificadas em função dos objectivos formativos criando-se uma articulação mais estreita entre os seus próprios conteúdos e os conteúdos do treino. Esta afirmação remete-nos para a um actual problema do treino, que se vê um pouco desorientado, face à necessidade de obedecer a imperativos formativos e simultaneamente a imperativos da competição, alguns dos quais, antagónicos em relação aos primeiros. Por isso, afirma Marques (2004) ter a competição como estruturante do treino só será correcto quando a primeira corresponder a um modelo mais adequado, quando a competição for modelada pelos princípios e pressupostos do treino dos jovens. Então, a actividade competitiva não será apenas um prolongamento e extensão do treino, mas ela própria um factor estruturante da formação, a dar sentido e direcção a toda a preparação. Consagrando assim uma maior harmonia entre os objectivos da formação desportiva e as expectativas que as crianças estabelecem para a participação competitiva e possibilitando-lhes a satisfação das suas necessidades e a afirmação da competências e capacidades em quadros competitivos ajustados à sua personalidade e nível de desenvolvimento.

Assim, de uma forma geral, todos os autores referidos são unânimes em considerar que:

1) A competição é crucial para a formação da criança;
2) A competição baliza o desporto, devendo estar presente na prática desportiva desde os momentos iniciais;
3) A competição deve ser vivida em ambiente festivo, de cooperação e partilha.

2.3.1. Em que idades se deve iniciar a competição? Com que características?

Algumas referências na literatura apontam para o interesse em iniciar a competição a partir dos 8 anos de idade. Passer (1986) refere mesmo que as crianças com menos de 7 ou 8 anos devem ser desencorajadas a participar no desporto organizado para jovens. Coakley (1986), por sua vez diz que a competição é geralmente irrelevante para as experiências dos participantes antes desta idade. Segundo o mesmo autor a competição formal só deve acontecer após os 8 anos, uma vez que a compreensão, pela criança, das relações sociais é tal, que as actividades desportivas competitivas não seriam compreendidas de forma a torná-las estimulantes.

Mais recentemente, Bompa (2000) recomenda que as crianças com menos de oito anos não participem de competições organizadas, sendo que estas apenas se devem iniciar entre os onze e os doze anos ou mesmo mais tarde. O entendimento que fazemos aqui de competições organizadas refere-se àquelas que apresentam um enquadramento similar às competições dos adultos. Só nestas idades as crianças estão preparadas para as exigências das competições, do ponto de vista dos domínios das habilidades específicas, da compreensão das relações sociais, da capacidade de experimentar o sucesso e o insucesso. (Bompa, 2000, Arena e Bohme, 2004). Então, em idades abaixo dos 12 anos, a competição será informal, realizada simplesmente pelo prazer e diversão.

Para Marques (2004), até à entrada na escola (cerca dos 6 anos) não se justifica a existência de quadros competitivos formais, devendo estes, ser substituídos por actividades auto-organizadas e espontâneas. Dos 6 anos (e até aos 12 anos) terão lugar os primeiros quadros formais, com organização simplificada, pluridesportiva, baseados em competições internas e torneios locais. Esta organização assenta nas três etapas na formação de jovens desportistas, propostas pelo referido autor. Na primeira, designada preparação motora e desportiva multilateral, as actividades de treino e competição confundem-se na prossecução dos objectivos visados. A etapa seguinte, especialização inicial, é caracterizada por uma diferenciação dos processos de treino e competição, surgindo esta última organizada em quadros institucionais. Por último, tornam-se visíveis as preocupações com o rendimento na competição, assumindo este um maior destaque em relação ao treino.

Da mesma opinião partilha Júnior e Korsakas (2006), ao defender para a mesma idade eventos em forma de festivais, com desafios individuais intercalados com desafios colectivos, como jogos reduzidos e pré-desportivos. Os mesmos autores proclamam para crianças com idades entre os 10 e os 11 anos, a competição deve ser restringida ao acto de jogar, sem qualquer formalidade, nem apuramento de resultados ou premiação. Isto porque, segundo o mesmo autor, o principal objectivo deverá ser oferecer experiências desportivas desafiadoras e que contribuam para a sua auto-afirmação em detrimento da competitividade entre pares. Da mesma forma, a partir dos 11 e 12 anos, já é possível a participação em competições mais organizadas, embora com estrutura e sistema regulamentar diferentes das competições dos adultos, recorrendo a jogos condicionados, de forma a responder-se à necessidade de um desenvolvimento multilateral.

Contudo, Fernandes (2004) sugere que se se respeitar a individualidade biológica, cognitiva e emocional da criança, é possível realizar competições com crianças, com menos de 8 anos de idade, utilizando jogos informais e adaptados em termos de complexidade, que visem o desenvolvimento de objectivos formativos e não a procura de resultados desportivos.

Assim, pode concluir-se que o importante não será determinar uma idade para o início das competições, uma vez que esse início está inteiramente dependente (como referimos atrás) do início em determinada actividade desportiva, mas sim adequar os conteúdos das mesmas às possibilidades dos jovens.

Marques e Oliveira (2002) referem que as concepções das competições infanto-juvenis e juvenis devem ser modificadas em função de objectivos formativos, e que se devem pautar por:

- Contribuir para o desenvolvimento da multilateralidade, através da participação em formas competitivas e competições múltiplas, combinadas e de outros desportos. O conteúdo deve ser diversificado e orientado para o desporto escolhido. Deve valorizar a aprendizagem da actividade e dos factores que mais a influenciam.
- Estimular o desenvolvimento de pressupostos da prestação que se afirmam como importantes na perspectiva do futuro e que são já treináveis. Promover competições, com ênfase em pressupostos coordenativos e técnico-tácticos.
- As competições devem estimular a realização adequada das acções desportivas, através de adaptações regulamentares, estimulando o desenvolvimento funcional da estrutura do sistema nervoso central e neuro-muscular.

Um aspecto que se salienta, quando falamos da competição das crianças e jovens é o seu carácter sistemático e regular. Se há uns anos atrás se defendia uma participação muito reduzida das crianças em eventos competitivos, actualmente sabe-se que é nestas idades que elas devem ocorrer em maior número. Essas competições constituem-se por pequenos jogos, pequenas competições, menos estruturadas, simplificadas, diversificadas – o jogo nas suas múltiplas formas, ocorrendo durante toda a época desportiva de forma sistemática e regular porque constituem parte essencial do treino (Marques, 2004). Trata-se de adaptar o sentido da competição e a sua

organização à capacidade de compreensão e de resposta de crianças, desde os momentos iniciais de prática (Lee, 1999, Sherlye, 1998, cit. Mesquita, 2004b).

Por outro lado, Mesquita (2004a) defende que o sistema de eliminatória deve ser minimizado, dando hipótese e condições para que todos possam participar, independentemente dos resultados. Isto, tendo em conta que a competição, por si só, é um processo altamente selectivo e que destaca de forma irrefutável as virtudes e as incapacidades das pessoas. Assim, saber lidar com essa situação e adequá-la gradativamente à evolução desportiva do jovem deve fazer parte de um processo progressivo, no qual as dificuldades não desaparecerão, mas serão propostas de acordo com o nível do praticante, fazendo com que ele aprenda a tomar decisões e a solucionar problemas, permitindo-se o erro e utilizando-o como subsídio para novas aprendizagens (Júnior, 2004). Ainda Marques (2004) refere que a criança tem necessidade em aprender, e fá-lo ao conviver com as diferentes situações vivenciadas com a prática desportiva – com o jogo. Deste modo, quanto mais ela joga, mais possibilidades terá para aprender.

Lima (1987) defende, em baixas idades, que os eventos competitivos devem ocorrer maioritariamente dentro dos limites locais e regionais. A mesma opinião partilha Marques (2004) que considera com grandes reservas a participação em idades baixas, em competições para além dos limites regionais. Estas opiniões prendem-se com questões de exigência psicológica, como por exemplo o stress, pois, segundo Mesquita (1997) e Becker (2000, cit. Júnior, 2004) o clima criado em torno da competição deve ser facilitador para a aplicação dos conhecimentos, capacidades e habilidades dos jovens atletas.

As regras do jogo também devem ser modificadas no sentido de se adaptar às capacidades motoras, psicológicas e cognitivas da criança, tendo em conta os pressupostos didácticos (Tese 970).

Por outro lado, os regulamentos devem igualmente ser alvo de atenção, adequando-se as dimensões do jogo à idade e à etapa de aprendizagem em que a criança se encontra.

2.3.2. Algumas propostas competitivas…

Bompa (2000) propõe um quadro sequencial de tipos e número de competições para crianças e jovens, o qual expomos de seguida.

Quadro 2: As competições segundo Bompa (2000)

Idade	Tipos de Competição	Nº de competições / ano
4 a 7 anos	Sem competição formal (diversão).	Desportos Colectivos: 5-10
8 a 11 anos	Competições informais, com participação em outros desportos.	Desportos Colectivos: 10-15
12 a 13 anos	Participação em competições organizadas que estimulem aspectos tácticos, técnicos e físicos.	Desportos Colectivos: 10-15
14 a 16 anos	Participação em competições organizadas sem estimar alcance máximo de rendimento.	Desportos Colectivos: 15-20
17 a 19 anos	Período para alcance de performance em competições.	Desportos Colectivos: 20-35

Mais recentemente, Wiersma (2005) critica os modelos vigentes no sistema infanto-juvenil dos EUA, propondo alterações nos quadros competitivos, que se desenvolvem em quatro níveis:

Quadro 3: As competições segundo Wiersma (2005)

Nível I	Ausência de competição formal, resultados, viagens ou classificação em campeonatos; Gastos financeiros e de tempo devem ser mínimos; Equipamentos e regras modificados a partir dos níveis de habilidade e maturidade dos participantes; Não permitido expulsões ou selecções, tendo todas as crianças o mesmo tempo de prática; Promover a motivação a partir de referências não competitivas.
Nível II	Baixos níveis de competição, com resultados e classificação dos campeonatos; Ênfase no desenvolvimento das habilidades desportivas e divertimentos e não nos resultados; Competições regionais;

	Participação aberta a todas as crianças dentro de uma mesma faixa etária e a selecção de equipas é feita pela similaridade dos níveis desportivos; Uma única sessão de jogos.
Nível III	Ênfase nas habilidades desportivas e nas competições; Busca de resultados; Viagens e selecção dos mais dotados já devem ocorrer; Participação restrita a uma única sessão de jogos.
Nível IV	Participação competitiva durante todo o ano; O objectivo é atingir durante vários anos os níveis mais altos de desempenho desportivo; O jovem deve estar preparado para a intensidade do treino e exigências das competições, a partir da sua prontidão física e maturidade emocional.

Assim, a título conclusivo podemos dizer que o desporto só será para a criança a coisa mais importante do mundo quando formos capazes de o construir à medida das suas necessidades, possibilidades e expectativas (Marques, 2004). Deste modo, teremos de respeitar as fases de desenvolvimento da criança e proporcionar-lhe formas competitivas que respondam a objectivos formativos e pedagógicos, uma vez que, como nos diz Mesquita (2004a), o processo de educação e sociabilização das crianças nas formas de competição adultas deve ser gradual, de modo que seja considerada simultaneamente a capacidade de realização e de predisposição para participar. Caso isso se verifique, a educação será bem sucedida e os jovens estão preparados para desenvolver uma relação estável e duradoira com a prática desportiva, alicerçada na componente lúdica da actividade desportiva.

3. Objectivos e Hipóteses

3.1. Objectivo Geral

O objectivo do nosso estudo é conhecer a importância das competições desportivas, no processo de formação desportiva e tentar perceber se as formas competitivas sob tutela das Associações de Futebol, em Portugal, respeitam os princípios e orientações formativas.

3.2. Objectivos Específicos

- Conhecer o papel e a importância da competição no processo de formação de jogadores de futebol em Portugal;
- Identificar as características que a competição deve assumir ao longo do processo de formação;
- Saber as características das competições organizadas, ao longo do processo de formação em Portugal.

3.3. Hipóteses

H1: As Associações de Futebol organizam quadros competitivos em conformidade com os princípios e orientações formativas.

H2: As competições assumem diferentes formas ao longo do processo de formação do futebolista, coadunando-se com as características de cada escalão.

H3: Há preocupação por parte das Associações em proporcionar igualdade de prática competitiva, em escalões mais jovens.

4. Metodologia

4.1. Caracterização da amostra

A amostra deste estudo é constituída pela totalidade das Associações de Futebol de Portugal (n=22).

4.2. Metodologia utilizada na recolha de dados

Para a recolha de dados elaboramos um inquérito, com base na revisão bibliográfica efectuada, que foi apresentado aos "coordenadores" das diferentes Associações, via telefone. Ressalva-se que um dos inquéritos foi respondido pessoalmente, após deslocação à Associação. Contudo, face à natureza fechada do mesmo, optamos por registar toda a informação útil recolhida, em virtude da riqueza de informação que o diálogo proporcionava.

Os inquéritos foram efectuados entre os dias 16 de Outubro e 31 de Outubro de 2007.

4.3. Procedimentos estatísticos

Para a análise dos resultados foram utilizados os procedimentos de estatística descritiva básica, recorrendo ao programa Microsoft Office Excel 2003.

5. Apresentação e Discussão dos Resultados

A análise dos resultados dos inquéritos apresentados aos "coordenadores" das Associações de Futebol portuguesas, permitem-nos dizer o seguinte:

5.1 Idade de início da organização de competições

Dezoito das vinte e duas Associações de Futebol organizam os seus quadros competitivos a partir dos oito anos de idade. Isto, apesar de se reconhecer na literatura que as crianças devem começar a competição simultaneamente ao início da prática do futebol, e se verificar que esta se vem iniciando em idades compreendidas entre os cinco e seis anos (Figura 1). Contudo, encontramos três Associações que oferecem quadros competitivos a partir dos seis anos, e uma outra a partir dos cinco. Verificamos ainda, que a Associação que inicia a competição aos cinco anos de idade, o fará pela primeira vez este ano através de um projecto designado "Projecto Futebol de Rua" que visa proporcionar a prática deliberada do futebol a crianças de cinco e seis anos de idade.

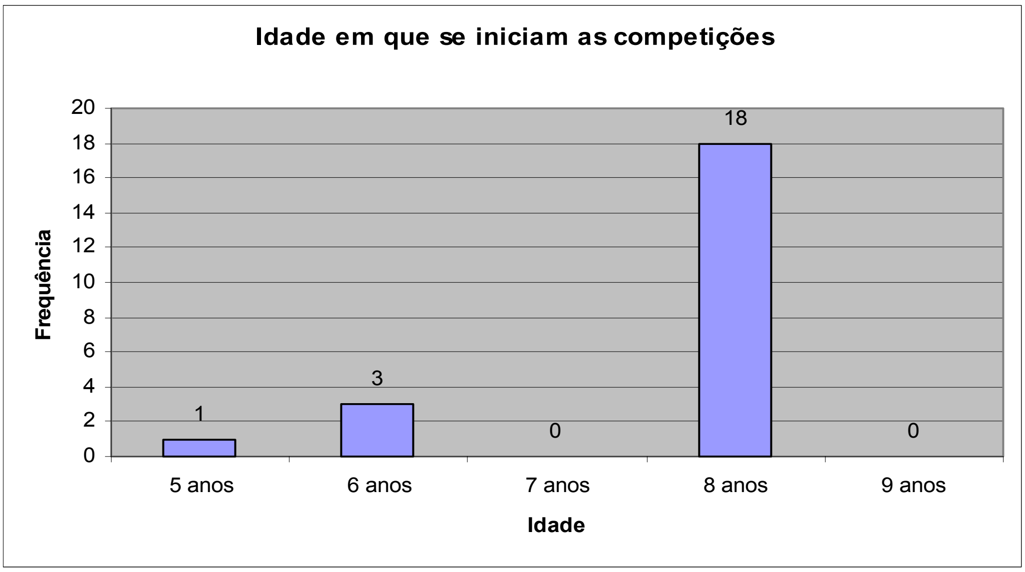


Figura 1: Idade em que se iniciam as competições

A mesma intenção tem uma das Associações que inicia a sua actividade aos oito anos. Existem ainda mais duas Associações que pretendem iniciar a sua actividade antes dos oito anos, estando a preparar projectos para que tal possa ocorrer (Quadro 4).

Não podemos deixar ainda de referir, o facto de apesar da maioria das Associações de Futebol não organizarem competições em idades inferiores aos oito anos, não significa que elas não ocorram. Os clubes, a nível interno, e mesmo sob a forma de convívios desportivos, organizam competições nessas faixas etárias. Porá além disso, existem convívios desportivos sob tutela das câmaras locais, em alguns distritos.

Quadro 4: Projectos existentes ao nível das Associações de Futebol

Início das Competições	**Com Projectos**	**Sem Projectos**	
5 Anos	0	1	
6 Anos	0	3	
7 Anos	0	0	
8 Anos	3	15	
Total de A.F.	**3**	**19**	**22 Associações**

5.2 Divisão por escalões

Dezoito das vinte e duas Associações de Futebol dividem os seus atletas por cinco escalões: Escolas, Infantis, Iniciados, Juvenis e Juniores. No entanto, constatamos três Associações que apresentam mais um escalão, o que resulta do facto de proporcionarem competições aos atletas em idades inferiores aos oito anos. Deste modo, apresentam mais um escalão, compreendido entres a faixa etária dos 6-7 anos, apresentando diversas designações consoante a Associação: "Benjamins", "Pré-escolas".

Verifica-se ainda que uma Associação distribui os seus atletas por sete escalões, proporcionando competições a partir dos cinco anos de idade.

Assim, o primeiro envolve crianças entre os cinco e os seis anos, desenvolvendo actividade no projecto "Futebol de Rua", o segundo abrange os sete e os oito anos, o terceiro, detentor da designação de Escolas, refere-se à faixa etária dos nove e dez anos. Os restantes escalões assumem as designações atrás mencionadas, sendo similares entre todas as Associações.

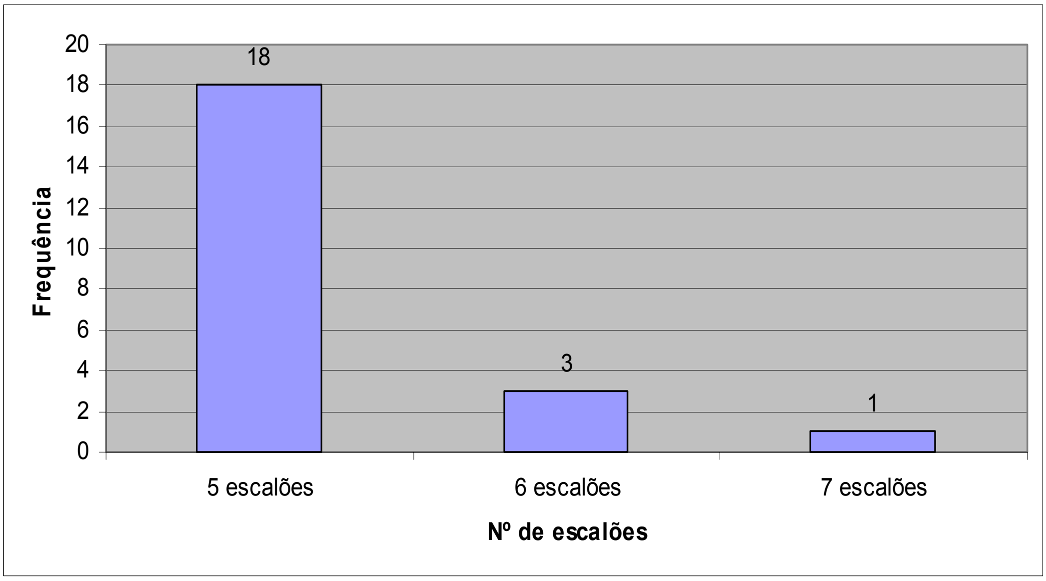


Figura 2: Número de escalões por Associação

De forma a facilitar a compreensão acerca da distribuição das faixas etárias por escalão, elaboramos o quadro abaixo (Quadro5).

Quadro 5: Divisão das Faixas etárias por escalão

Escalões	**Faixa etária**	**Escalões**	**Faixa etária**	**Escalões**	**Faixa etária**	**Escalões**	**Faixa etária**
						Fut. Rua	5-6
		Benjamins	6-7	Pré-escolas	6-7	Escolinhas	7-8
Escolas	8-10	Escolas	8-10	Escolas	8-10	Escolas	9-10
Infantis	11-12	Infantis	11-12	Infantis	11-12	Infantis	11-12
Iniciados	13-14	Iniciados	13-14	Iniciados	13-14	Iniciados	13-14
Juvenis	15-16	Juvenis	15-16	Juvenis	15-16	Juvenis	15-16
Juniores	17-18	Juniores	17-18	Juniores	17-18	Juniores	17-18
18 Associações		**1 Associação**		**2 Associação**		**1 Associação**	

Salientamos ainda o facto, de algumas Associações evidenciarem preocupações no sentido de igualar os seus quadros competitivos por níveis de aprendizagem dentro do escalão de escolas. Isto, traduz-se na constituição de “equipas a” e “equipas b”, onde os “equipas a” são compostas por jogadores de último ano de escolas, não sendo permitida a participação destes em competições de “equipas b”. Estas medidas tem como objectivo criar confrontos desportivos equilibrados.

5.3 Número de jogadores por equipa

Todas as Associações optam pelo futebol de 11 para os escalões de iniciados, juvenis e juniores (Figura 3). Nos restantes escalões essa uniformidade não se verifica, existindo contudo, uma grande ênfase ao futebol de 7.

A única Associação a oferecer competições no escalão de cinco e seis anos, fá-lo contemplando o futebol de 5 (GR+4). A mesma estrutura é adoptada por três Associações no escalão de Pré-escolas, sendo que a quarta enfatiza o futebol de 7.

No que se refere ao escalão de escolas, a maior parte das Associações adoptou o futebol de 7, como a estrutura que melhor se coaduna aos interesses formativos. Contudo, há ainda quem eleja o futebol de 5 e o de 6, ou mesmo o futebol de 11, sendo que esta última preferência é partilhada com o futebol de 7, estando a participação e inscrição ao critério dos clubes.

Quanto aos infantis a tendência volta a ser o futebol de 7. No entanto, uma Associação dá a opção aos clubes de se inscreverem no futebol de 7 ou no de 11.

Uma organização muito particular apresenta uma outra Associação ao contemplar competições com periodicidade concentrada em futebol de 7 e entre estas concentrações, jogos de 4x4, sem guarda-redes. No final da época desportiva, ainda organiza um Torneio em futebol de 11, com o objectivo de preparar os atletas que vão subir de escalão.

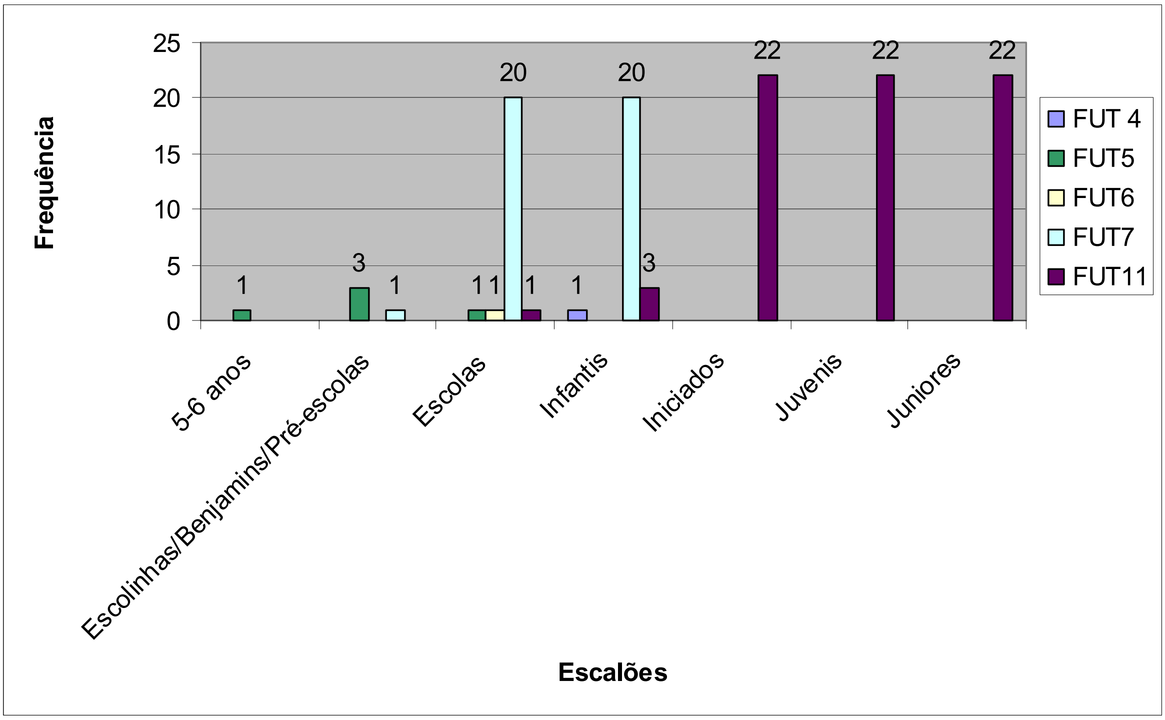


Figura 3: Número de jogadores por equipa

5.4 Âmbito das competições

Relativamente ao âmbito dos eventos competitivos, a literatura aconselha que em baixas idades os eventos competitivos ocorram dentro dos limites locais e regionais. Assim, verificamos que as Associações, somente a partir do escalão de iniciados, ou seja, faixa etária dos catorze anos, promovem competições inter-associações, através da participação em Torneios e Taças (Figura 4). Contudo, nesta fase verifica-se já uma segregação dos mais aptos, dado que estes eventos contam apenas com a participação dos melhores jogadores inscritos nas Associações.

No que se refere aos campeonatos organizados pelas mesmas, o que se verifica é que se desenvolvem num âmbito distrital, para todos os escalões, sendo que a partir dos iniciados, o campeão do distrito, no ano seguinte disputa o campeonato nacional.

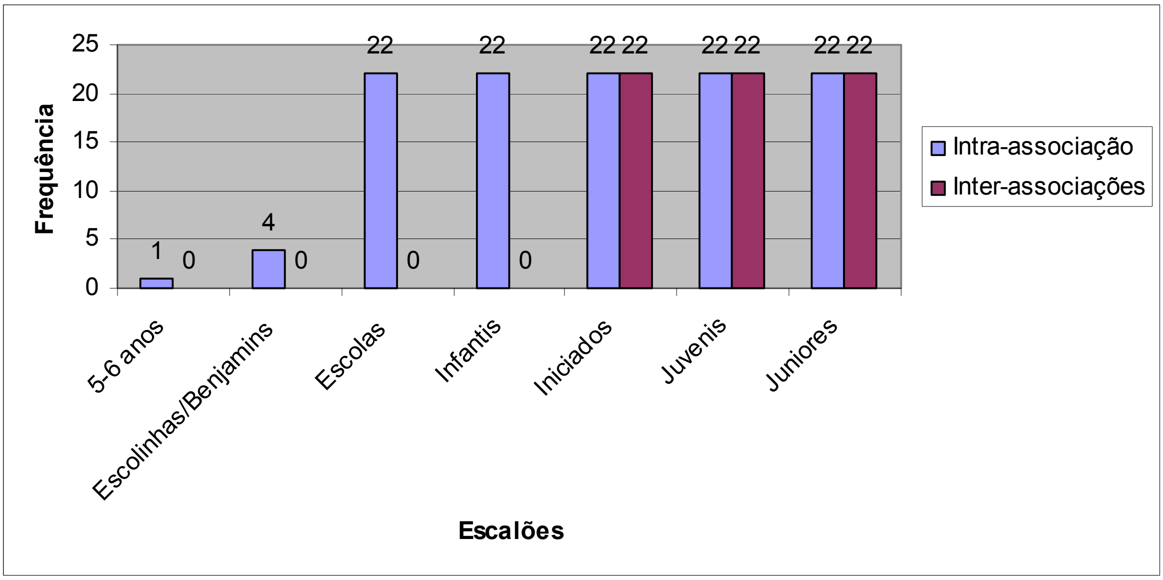


Figura 4: Âmbito das competições

Salienta-se ainda, o facto dos quadros competitivos em escalões inferiores a catorze anos contemplarem critérios geográficos para a organização das séries, sendo que algumas Associações optam por uma segunda fase competitiva, com disputa de jogos inter-série, consequentemente implicando deslocações maiores.

5.5 Periodicidade das competições

Ao contrário do que aconselha a literatura (a competição em baixas idades através de eventos ou encontros desportivos), vemos, pela análise da figura 5, que a maioria das Associações (95%) não contempla esse tipo de actividade competitiva, enfatizando os campeonatos que decorrem durante uma época desportiva, com jogos aos fins-de-semana. Contudo, seis Associações aderiram já ao formato dos encontros desportivos, como nos indica a tabela abaixo, verificando-se uma homogeneidade a partir do escalão de iniciados, onde todas contemplam o formato de campeonato, com jogos semanais.

De referir uma Associação que apenas apresenta uma periodicidade semanal nas suas competições, porque viu chumbada a sua proposta de Eventos desportivos (periodicidade concentrada) pelos clubes, em Assembleia-geral.

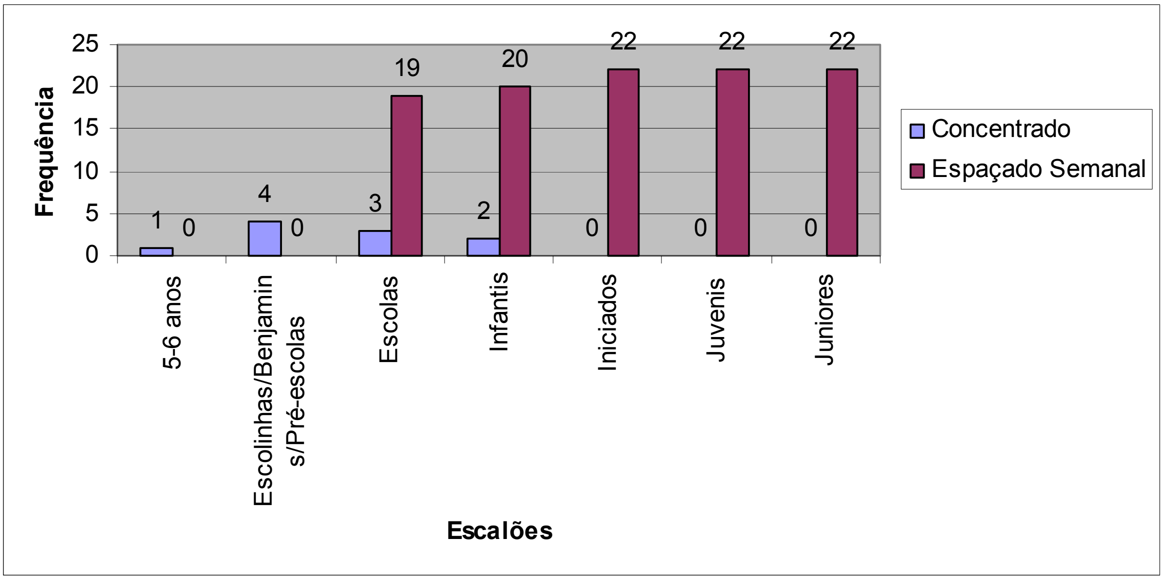


Figura 5: Periodicidade das competições

De modo a facilitar a leitura, expomos no quadro abaixo (Quadro 6) de forma mais detalhada a periodicidade verificada nas Associações que promovem actividades competitivas em idades mais baixas.

Verificamos assim, que a Associação VIII (conforme os anexos) promove encontros desportivos de oito em oito, ou de quinze em quinze dias, do escalão de "futebol de rua" até ao escalão de infantis, sendo a actividade contemplada o jogo reduzido.

A Associação XV contempla encontros desportivos, de periodicidade mensal, apenas no escalão de benjamins, tendo como actividade desenvolvida para além do jogo reduzido, os circuitos de habilidade, frequentemente designados "skills".

As Associações XIX e XXII seguem a organização da Associação precedente, no mesmo escalão. A Associação XVIII apresenta igualmente encontros desportivos, mas desta feita, no escalão de escolas, verificando-se pontualmente competições de "skills".

A Associação I, apesar de iniciar as suas actividades competitivas aos oito anos, fá-lo através de encontros desportivos, tanto no escalão de escolas, como no de infantis. No primeiro, os encontros são mensais, contemplando o jogo reduzido. Apesar desta Associação promover a competição de “skills”, nos últimos anos, esta não foi contemplada, em virtude da falta de espaço. No entanto, este ano está previsto ocorrer essas competições em datas paralelas aos jogos, uma vez que se constatou um decréscimo da qualidade técnica das crianças. No escalão de infantis as concentrações são distribuídas por três fases, sendo o período que as separa de três semanas, tendo as concentrações a designação de “Torneio de Futebol Infantil de Sete”. Existe ainda um Torneio de encerramento da época, tendo em vista os jogadores que sobem para o escalão seguinte. Neste escalão a competição de “skills” sempre foi contemplada.

Quadro 6: Distribuição temporal das competições nos quatro escalões inferiores

Associações	Escalões			
	Futebol de Rua	**Benjamins / pré-escolas**	**Escolas**	**Infantis**
VIII	Concentrado	Concentrado	Concentrado	Concentrado
XV		Concentrado	Espaçado Semanal	Espaçado Semanal
XIX		Concentrado	Espaçado Semanal	Espaçado Semanal
XXII		Concentrado	Espaçado Semanal	Espaçado Semanal
I			Concentrado	Concentrado
XVIII			Concentrado	Espaçado Semanal

5.6 Eliminatórias

No que concerne à adopção do regime de eliminatórias nas competições, verificamos que não há uma homogeneidade de critério ao nível

das vinte e duas Associações (Figura 6). Contudo, elas são mais utilizadas nos escalões de iniciados, juvenis e juniores, tanto no campeonato, como nas Taças organizados por algumas Associações. Conforme defende a literatura, nos escalões inferiores, este regime não é contemplado, apesar de uma das Associações recorrer a ele para apurar o campeão do distrito, consequentemente na última fase da prova.

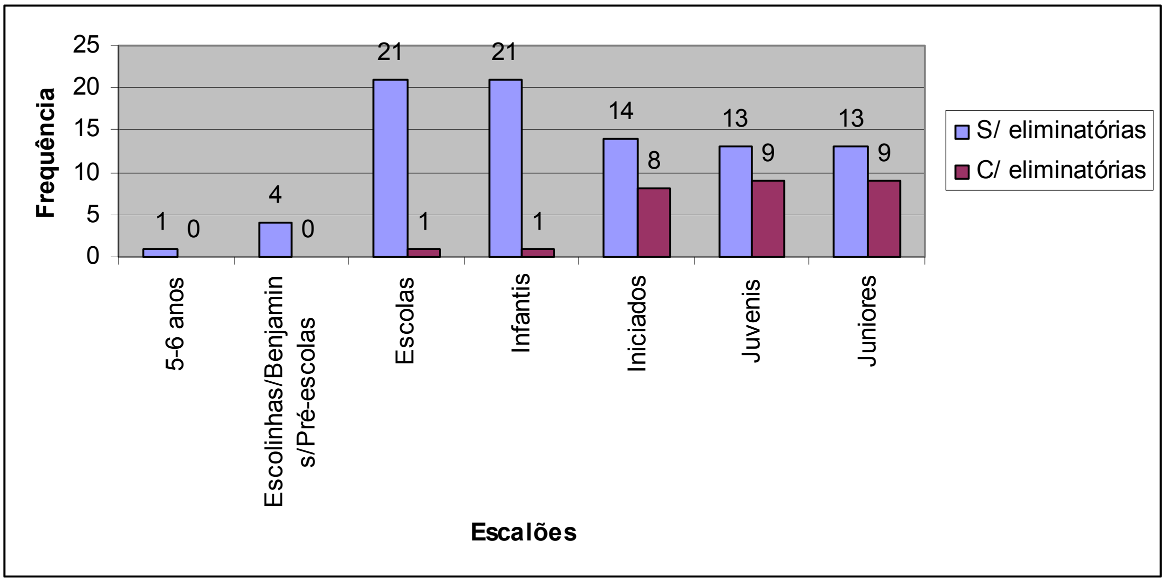


Figura 6: Apuramento do vencedor

5.7 Regulamentos

Todas as Associações mostram alguma preocupação em proporcionar práticas competitivas com objectivos formativos. Esses objectivos são constatados pela adaptação de algumas regras emitidas pelos regulamentos oficiais da Federação, como sejam, o número ilimitado de substituições, a obrigatoriedade de cada jogador jogar pelo menos um período e a divisão dos quadros competitivos por níveis de aprendizagem. Contudo, verificamos algumas alterações regulamentares que resultam apenas de condicionalismos espaciais, como sejam a dimensão das áreas.

Quadro 7: Adaptações regulamentares

		Regulamento Próprio		R. Oficial	Regulamento Adaptado	
		Freq.	Regra		Freq.	Regra
Futebol de Rua	FUT 5	1				
Escolinhas	FUT 5	3				
	FUT 7	1				
Escolas	FUT 5	1				
	FUT 6	1	- Substituições Ilimitadas; - Árbitro é um jogador do clube.			
	FUT 7	1		15	4	- Divisão por níveis de aprendizagem; - 4 Períodos de 12'; - Todos os atletas têm de jogar um período; - Sem substituições durante o jogo. - Dimensões das áreas de baliza;
	FUT 11				1	- Substituições ilimitadas;
Infantis	FUT 4	1				
	FUT 7	1		15	5	- Divisão por níveis de aprendizagem; - Dimensões das áreas de baliza.
	FUT 11			3		
Iniciados	FUT 11			21	1	- 6 Substituições.
Juvenis Juniores	FUT 11			22		

6. Conclusões

O presente estudo constituiu-se como uma descrição do actual regime de competições vigente em Portugal, organizado pelas diversas Associações de Futebol Portuguesas. Deste modo, a informação recolhida permitiu-nos retirar as seguintes conclusões:

- Existe unanimidade entre as vinte e duas Associações de Futebol portuguesas quanto à organização dos quadros competitivos nos escalões de Iniciados, Juvenis e Juniores, verificando-se:
  - Que a idade que compreende cada escalão é respectivamente, 14-15; 16-17 e 18-19;
  - Que a forma competitiva utilizada é o jogo 11x11;
  - Que o regulamento em vigor é da responsabilidade da Federação Portuguesa de Futebol, não se registando qualquer adaptação por parte das Associações;
  - Que as competições são organizadas no âmbito distrital, embora o campeão do distrito tenha acesso à participação no campeonato nacional do escalão;
  - Que a periodicidade das competições é espaçada, ou seja, desenrolam-se em forma de campeonato, com jogos semanais, ao longo de uma época desportiva;
  - A contemplação de eliminatórias é referida sensivelmente por 30% a 40% das Associações, em cada escalão, no sentido de apurar o campeão de série ou em competições paralelas, como por exemplo Taças da Associação.

- Não existe uma posição concertada entre todas as Associações de Futebol portuguesas, relativamente à competição em idades inferiores aos 14 anos.
  - No que se refere ao início da organização de competições:

  - Cerca de 80% das Associações começam a organizar competições a partir dos oito anos de idade;
  - Cerca de 15% das Associações inicia a actividade competitiva aos seis anos de idade;
  - Somente uma das vinte e duas Associações de Futebol portuguesas apresenta competições para crianças de cinco anos de idade.
- Ao nível dos escalões preconizados:
  - Três das vinte e duas Associações dividem as faixas etárias por três escalões;
  - Apenas uma Associações apresenta quatro escalões;
  - A existência de três e quatro escalões resulta de um início da actividade competitiva em idades inferiores aos oito anos.
- Quanto às formas competitivas:
  - Verifica-se uma progressão ao nível da complexidade (maior número de elementos) à medida que avançamos nos escalões;
  - É consensual a prática do futebol de 7 no escalão de escolas e infantis (20 das 22 Associações);
  - As Associações que contemplam a prática competitiva em idades inferiores aos oito anos, fazem-no através do futebol de 5, apresentando apenas uma dessas o futebol de 7.
- Relativamente à periodicidade das competições:
  - No escalão de Infantis, vinte das vinte e duas Associações contemplam a competição espaçada, sob a forma de campeonato, com jogos semanais; e duas regem-se por uma periodicidade concentrada, sob a forma de encontros desportivos;
  - No escalão de escolas, dezanove das vinte e duas Associações contemplam a competição espaçada, sob a

forma de campeonato, com jogos semanais; e três regem-se por uma periodicidade concentrada, sob a forma de encontros desportivos;

- Nos escalões antecedentes, as poucas Associações que promovem competições (4) fazem-no através de encontros desportivos, ou seja, de periodicidade concentrada.

- No que diz respeito a eliminatórias somente uma Associação as contempla, no escalão de escolas e infantis, no sentido de apurar o vencedor de série.

- Todas as Associações em escalões inferiores aos iniciados promovem as competições dentro das proximidades geográficas, o que implica pequenas distâncias.

De uma forma geral, parece-nos oportuno referir que existe uma tendência das Associações de Futebol em se preocuparem mais com as questões pedagógicas, ou seja em adequar a matéria complexa que é o jogo de futebol às verdadeiras necessidades e capacidades da criança, uma vez que crescem os projectos no sentido de alterar os actuais quadros competitivos.

Contudo, pensamos importante e oportuno que as Associações de Futebol ao nível do país uniformizem as suas práticas competitivas, no sentido de se alcançar uma maior coerência ao nível da formação de jogadores.

Em futuros trabalhos poderia ser interessante realizar o mesmo estudo ao nível da Europa de forma a identificar as formas competitivas que melhor se coadunam a cada escalão, e assim criar um quadro competitivo mais respeitador das necessidades formativas dos nossos jovens futebolistas.

7. Referências Bibliográficas

Adelino, J., Vieira, J. & Coelho, O. (2000). *Treino de jovens: o que todos precisam de saber!* Lisboa: Centro de Estudos e Formação Desportiva.

Arena, S., Böhme, M. (2004). Federações esportivas e organização de competições para jovens. *Revista Brasileira Ciências e Movimento*. 12 (4): pp. 45-50.

Balyi, I. (2005). Desenvolvimento do praticante a longo prazo. Treino de jovens – Novas práticas, melhor organização, outra atitude. *Seminário Internacional Treino de Jovens.* Instituto do Desporto de Portugal, Lisboa. (não publicado).

Barbanti, V. e Tricoli, V. (2004). A formação do esportista. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Org.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do rio Grande do Sul Editora, pp. 208-215.

Bayer, C. (1994). *O ensino dos desportos colectivos*. Lisboa: Dinalivro.

Bento, J. (1997). *Um olhar do norte: crónicas desportivas*. Porto: Campo das Letras.

Bento, J. (2004). Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Org.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do rio Grande do Sul Editora, pp. 21-56.

Bento, J. (2006). Formação e desporto. In Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 41-57

Bompa, T. (1995). From Childhood to Champion Athlete. Toronto: Veritas Publishing.

Bompa, T. (2000). Total training for young champions: proven conditioning programs for athletes ages 6 to18. *Human Kinetics.* XI: pp. 211.

Brito, N., Fonseca, A., Rolim, R. (2004). Os melhores atletas nos escalões de formação serão igualmente os melhores atletas no escalão sénior? Análise centrada nos rankings femininos das diferentes disciplinas de atletismo ao longo das últimas duas décadas em Portugal. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*. 4 (1): pp. 17-28.

Carvalho, J. (2002). *Contributo para a formação profissional de jogadores de futebol: estudo em clubes da Associação de Futebol do Porto da 1º e 2º Ligas de Futebol Profissional.* Porto: J. Carvalho. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

Coakley, J (1986). When should Children begin competing? A sociological perspective. In M. Weiss, D. Gould (Eds). Sport for children and youths. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings. (X): pp.59-63. *Human Kinetics Pubs*. Champaign, Illinois.

Cooke, G. (2005). Quando é que as crianças devem brincar? *Revista Treino Desportivo*, 28, pp. 62-64

Costa, A. S. (1997). *À Volta do Estádio: O desporto, o homem e a sociedade.* Porto: Campo de Letras.

Cruyff, J. (1997). *Mis Futbolistas y yo.* Barcelona: Ediciones B.

Damásio, A. (1994). *O Erro de Descartes – Emoção, razão e cérebro humano.* Mira Sintra - Mem Martins: Publicações Europa-América.

Damásio, A. (2000). *O sentimento de si. O Corpo, a Emoção e a Neurobiologia da Consciência.* Mira Sintra - Mem Martins: Publicações Europa-América.

Dias, F. (2005). *De Principiante a Experto ou… Simplesmente Experto?!... Conseguirá a Prática Deliberada explicar a Expertise no Futebol? A perspectiva do Professor Vítor Frade*. Porto: F, Dias. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Desporto e Educação Física da Universidade do Porto

Diem, C. (1966). *História de los desportes*. Barcelona: Editor Luís de Caralt.

Estriga, M. (1996). *Formação desportiva de crianças e jovens: que orientações?* Porto: M. Estriga. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Eusébio (2005). O Planeta Eusébio in *Revista "Publica",* Nº459, 13 de Maio de 2005.

Feio, N. (1978). *Desporto e politica – ensaios para a sua compreensão*. Lisboa: Compendium.

Fernandes, J. (2004). *O processo de formação de jogadores de futebol na Ilha de S. Miguel (Açores): que realidade.* Porto: J. Fernandes. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Fonseca, A. (2004). O abandono das práticas desportivas: Aspectos psicológicos. In: Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.), *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, pp. 265-288.

Fonseca, H. (2006). *Futebol de Rua, um fenómeno em vias de extinção? Contributos e Implicações para a aprendizagem do Jogo*. Porto: H, Fonseca. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Frade, V. (2005). Entrevista in Dias, F. (2005). "*De Principiante a Experto ou… Simplesmente Experto?!... Conseguirá a Prática Deliberada explicar a Expertise no Futebol? A perspectiva do Professor Vítor Frade".* Trabalho monográfico realizado na disciplina de Seminário, Opção de Futebol, FCDEF-UP.

Garfia, F. & Buñuel, P. (1998). La Iniciación al Fútbol: Propuesta Metodológica Y Aplicaciones Práticas. *Fútbol Cuadernos Técnicos* (10), pp.34-49.

Garganta, J. (1988). Pressupostos para o faseamento na formação do jogador de futebol*. Revista Horizo*nte. (V), 25.

Garganta, J. & Pinto, J. (1998). O ensino do futebol. In Graça, A.; Oliveira, J. (Eds), *O Ensino dos Jogos Desportivos*, pp. 95-135: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Garganta, J. (2004). A formação estratégico-táctica nos jogos desportivos de oposição e cooperação. In: Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.), *Desporto para crianças e jovens: Razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, pp. 217-233.

Garganta, J. (2005). Ser ou não ser jogador de Futebol… Excelência pessoal e excelência desportiva. Conferência apresentada ao *Seminário Internacional de Futebol Infanto-Juvenil: "Saber ensinar Futebol uma necessidade premente*"; 10 de Junho de 2005. Porto.

Garganta, J. (2006). Ideias e competências para "pilotar" o jogo de Futebol. In Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp.313-326.

Gaya, A., Torres, L. (2004). O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polémicos. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Org.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do rio Grande do Sul Editora, pp. 57-74.

Gonçalves, C. (1999). O espírito desportivo na formação dos jovens praticantes. In: Adelino, J., Vieira, J., Coelho, O. (Eds.). *Seminário Internacional Treino de Jovens.* Centro de Estudos e formação desportiva. Secretaria do Estado do Desporto. Lisboa, pp. 60-74.

Jensen, E. (2002). *O cérebro, a bioquímica e as aprendizagens*. Porto: Edicções ASA.

Júnior, D. (2004). Tolerância ao treinamento e à competição: aspectos psicológicos. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.), *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, pp. 251-264.

Júnior, D. e Korsakas, P. (2006). O processo de competição e o ensino do desporto. In Go Tani, J. Bento & R. Peterson (Eds.), *Pedagogia do Desporto*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. pp. 251-261

Kirk, D. (2005). Physical Education, youth and lifelong participation: the importance of early learning experiences. *European Physical Education Review,* 11 (3): pp. 239-255.

Leandro, T. (2003). *Modelo de clube: da concepção à operacionalização. Um estudo de caso no Futebol Clube do Porto*. Porto: T, Leandro. Dissertação de

Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Lee, M. (1999). O deporto para os jovens ou os jovens para o desporto? In: *Seminário internacional de treino de jovens: comunicações apresentadas.* Lisboa: Centro de estudos e formação desportiva, Secretaria do Estado e do Desporto, pp. 123-134.

Lemos, H. (2005). *Projecto de formação em futebol: um passo importante para a construção de um processo de formação de qualidade: estudo realizado no departamento de formação do Clube Desportivo Trofense.* Porto: H, Lemos. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Lima, T. (1987). *Alcance educativo da competição.* Lisboa: Ministério da Educação e Cultura.

Lima, T. (1988). A formação desportiva dos jovens*. Revista Horizo*nte. (V), 25.

Lima, T. (1999). Uma perspectiva social da formação desportiva dos jovens. In Adelino, J, Vieira, J., Coelho, O. *Seminário Internacional Treino de Jovens – comunicações apresentadas.* Edição: Centro de estudos e formação desportiva.

Lima, T. (2000). Competição para jovens. *Revista Treino Desportivo,* 2 (6), 32-36.

Luzuriaga, L. (1969). *História da educação e da pedagogia.* São Paulo: Companhia Editorial.

Maradona, D. (2001). *Eu sou el Diego*. Oficina do livro.

Marques, A. (1997). A criança e a actividade física. Inovação e contexto. In Marques, A., Prista, A., Júnior, A. (Eds). *Actas do V Congresso de Educação Física e Ciências do Desporto dos Países de Língua Portuguesa*. (I), pp.15-31. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Marques, A. (1999). Crianças e adolescentes atletas: entre a escola e os centros de treino…entre os centros de treino e a escola. In Adelino, J., Coelho, O (Ed.). *Treino de jovens.* Lisboa: CEFD. Secretaria do Estado do Desporto, pp 17-30.

Marques, A. & Oliveira, J. (2001). O treino dos jovens desportistas. Actualização de alguns temas que fazem a agenda do debate sobre a preparação dos mais jovens. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 1 (1), pp. 130-137.

Marques, A. & Oliveira, J. (2002). O treino e a competição dos mais jovens: saúde versus rendimento. In: Barbanti, V., Amadio, A., & Bento, J. (Ed.), *Esporte e atividade física: interacção entre rendimento e saúde* (1ºed.). Porto: Edições. Manole, pp. 57-80.

Marques, A. (2004). Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, pp. 75-96.

Mesquita I. (1997). *Pedagogia do treino: a formação em jogos desportivos colectivos*. Lisboa: Livros Horizonte.

Mesquita, I. (2004a). Refundar concepções, estratégias e metodologias no ensino e treino dos Jogos Desportivos. *Revista Horizonte,* XX (116), I-XI (Dossier).

Mesquita, I. (2004b). Refundar a cooperação escola-clube no desporto de crianças e jovens. In Gaya, A., Marques, A., Tani, G. (Ed.). *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades.* Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul Editora, pp. 143-168.

Milistetd, M. (2007). *Concepções dos treinadores brasileiros experts de Voleibol acerca da formação desportiva a longo prazo do jogador de Voleibol.* Porto: M, Milistetd. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Morin, E. (2001). *Sete saberes necessário à educação do futuro*. São Paulo: Cortez.

Mota, C. (1998). *O modelo de jogo como referencial de um processo de formação*. Porto: C, Mota. Dissertação de Licenciatura apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Nunes, M. (2002). O Desenvolvimento do Futebol. *Revista Horizonte*, (XVIII), 104, pp. 7-17.

Oliveira, J. (2004). *Conhecimento Especifico em Futebol. Contributos para a definição de uma matriz dinâmica do processo ensino-aprendizagem/ treino do jogo*. Porto: J, Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Oliveira, R. (2007). *Análise do sistema de competição nos escalões de formação: estudo de caso das Associações de Basquetebol de Aveiro e Porto.* Porto: R, Oliveira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade do Porto.

Pacheco, R. (2001*). O ensino do futebol de 7:um jogo de iniciação ao futebol de 11.* Porto: Edições Grafiasa.

Paes, R. (2006). Pedagogia do esporte: Especialização esportiva precoce. In: Tani, G., Bento, J. & Petersen, R., *Pedagogia do Desporto* (1ª ed.). Rio de Janeiro: Guanabara Kooban, pp.219-226.

Passer, M. (1986). When should Children begin competing? A sociological perspective. In M. Weiss, D. Gould (Eds). Sport for children and youths. The 1984 Olympic Scientific Congress Proceedings. (X): pp. 55-58. *Human Kinetics Pubs.* Champaign, Illinois.

Proença, J. (1984). Formação e alto rendimento desportivo. *Revista Horizonte,* I (2), pp. 51-56.

Scanlan, T., Carpenter, P., Schmidt, G., Simons, J. & Keeler, B. (1993). An introduction to the sport commitment model. *Journal of Sport and Exercise Psychology*; 15, pp. 1-15.

Wein, H. (2003). Hacia una iniciación más formativa en el Fútbol com el modelo "Fútbol a la medida del niño". Abril de 2003. [Em linha]: *http://www.futbolbase.com/horst/iniciacion_formacion.php*

Wein, H. (2004). Objetivos a lograr com niños de 5,6 y 7 años en las Escuelas de Iniciacón Deportiva. Dezembro de 20004. [Em linha]:*http://www.futbolbase.com/horst/objetivos_ninos.php*

Wein, H. (2005). Requisitos necesarios para la formación de jugadores creativos. Abril de 2005. [Em linha]: http://www.futbolbase.com/horst/requisitos.php

Wiersma, L. (2005). Reformation or reclassification? A proposal of rating system for youth sport programs. *Quest,* 57, pp. 376-391.

Jornais:

Costa, A. (2005). In “A Bola”, 5 Janeiro de 2005.

Ronaldo, C. (2006). Entrevista in Jornal “*A Bola”,* 17 de Novembro de 2006.

8. Anexos

22-10-2007

Associação de Futebol I

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital	X		Não	Jogo	6	X		
11-12	Infantis	Distrital	X		Não	Jogo + Skills	4 e 7 e 11	X	X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11			X
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas: regras instituídas pela própria associação, sendo o árbitro um jogador do clube.
Infantis: no FUT4 o regulamento é instituído pela Associação, mas os clubes é que coordenam a competição. No FUT7 e FUT11 os regulamentos são os oficiais emitidos pela Federação Portuguesa de Futebol.
Iniciados: Apresentam 6 substituições (3+3)

Obrigada pela colaboração!

22-10-2007

Associação de Futebol II

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
Projecto “Futebol de Rua” em construção para idades inferiores aos 8 anos.										

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol III

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa Próprio**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
Projecto para Torneios de Pré-escolas, aos fins-de-semana em FUT7 em construção.										

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol IV

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol V

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7 e 11		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol VI

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
Foi chumbado o projecto de encontros desportivos no escalão Escolas.										

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
<u>Escolas:</u> 4 períodos de 12 minutos, sendo todos os atletas obrigados a jogar pelo menos um período. Não há substituições durante cada período. Divisão por 2 níveis.
<u>Infantis:</u> Divisão por 2 níveis: a e b, para haver maior equilíbrio competitivo.
<u>Iniciados:</u> Divisão por níveis chumbada.

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol VII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol VIII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
5-6	Fut. De Rua	Distrital	X		Não	Jogo	5	X		
7-8	Escolinhas	Distrital	X		Não	Jogo	5	X		
9-10	Escolas	Distrital	X		Não	Jogo	7	X		
11-12	Infantis	Distrital	X		Não	Jogo	7	X		
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Futebol de Rua, Escolinhas, Escolas e Infantis: Possuem regulamento próprio.
Nos escalões de Iniciados, Juvenis e Juniores somente a Taça da Associação é por eliminatórias.

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol IX

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Iniciados, Juvenis e Juniores a última fase da Taça da Associação é por eliminatórias.

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol X

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas e Infantis: Divisão em 2 níveis: a e b, consoante sejam de primeiro ano no escalão.

Obrigada pela colaboração!

23-10-2007

Associação de Futebol XI

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Sim	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Sim	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
Os clubes organizam convívios desportivos em idades compreendidas entre os 6 e os 8 anos.										

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
A existência de eliminatórias prende-se com o apuramento do campeão da Associação em cada escalão.

Obrigada pela colaboração!

24-10-2007

Associação de Futebol XII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Iniciados, Juvenis e Juniores: Participam na Taça da Associação que é por eliminatórias.

Obrigada pela colaboração!

24-10-2007

Associação de Futebol XIII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas e Infantis: As áreas de baliza não são da mesma dimensão referida no regulamento da federação.
Juvenis e Juniores: Participam na Taça da Associação que é por eliminatórias.

Obrigada pela colaboração!

24-10-2007

Associação de Futebol XIV

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	Escalão	Competição								
		Âmbito	Periodicidade		Contempla eliminatórias	Tipo de Actividade	Nº de Jogadores p/ equipa	Regulamento		
			Concentrado	Espaçado				Próprio	Oficial	Adaptado
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.
Periodicidade: Concentrado – em que períodos
Espaçado – semanal, quinzenal, mensal
Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

17-10-2007

Associação de Futebol XV

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
6-7	Benjamins	Distrital	X		Não	Jogo + Skills	7	X		
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Infantis: Realizam um Torneio de encerramento em FUT11.

Obrigada pela colaboração!

26-10-2007

Associação de Futebol XVI

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

16-10-2007

Associação de Futebol XVII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7 e 11		X	X
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas: Substituições ilimitadas no FUT11.

Obrigada pela colaboração!

26-10-2007

Associação de Futebol XVIII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
8-10	Escolas	Distrital	X		Não	Jogo	5	X		
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo + Skills	7			X
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
Projecto de encontros desportivos em FUT4, em idades compreendidas entre os 6 e 7 anos, em construção.										

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas: Possuem um regulamento próprio.
Infantis: As dimensões da grande-área são maiores (estende-se da linha lateral a linha lateral, devido às marcações já existentes.

Obrigada pela colaboração!

29-10-2007

Associação de Futebol XIX

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
6-7	Pré-escolas	Distrital	X		Não	Jogo	5	X		
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Pré-escolas: Possuem um regulamento próprio.

Obrigada pela colaboração!

30-10-2007

Associação de Futebol XX

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	Escalão	Competição								
		Âmbito	Periodicidade		Contempla eliminatórias	Tipo de Actividade	Nº de Jogadores p/ equipa	Regulamento		
			Concentrado	Espaçado				Próprio	Oficial	Adaptado
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:

Obrigada pela colaboração!

31-10-2007

Associação de Futebol XXI

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	Escalão	Competição								
		Âmbito	Periodicidade		Contempla eliminatórias	Tipo de Actividade	Nº de Jogadores p/ equipa	Regulamento		
			Concentrado	Espaçado				Próprio	Oficial	Adaptado
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7			X
13-14	Iniciados	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	Não	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Escolas e Infantis: Divisão por 3 séries, consoante a idade, sendo que não é permitido a um elemento de 2ºano de escolas, participar no campeonato para elementos de 1ºano. O contrário é permitido.

Obrigada pela colaboração!

31-10-2007

Associação de Futebol XXII

1. Que características tem a competição para cada idade e/ou escalão? Utilize os quadros abaixo para responder.

Idade	**Escalão**	**Competição**								
		Âmbito	**Periodicidade**		**Contempla eliminatórias**	**Tipo de Actividade**	**Nº de Jogadores p/ equipa**	**Regulamento**		
			Concentrado	Espaçado				**Próprio**	**Oficial**	**Adaptado**
6-7	Pré-escolas	Distrital	X		Não	Jogo	5	X		
8-10	Escolas	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
11-12	Infantis	Distrital		X	Não	Jogo	7		X	
13-14	Iniciados	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
15-16	Juvenis	Distrital		X	Sim	Jogo	11		X	
17-18	Juniores	Distrital		X	SIm	Jogo	11		X	

Âmbito: Interno, local, regional, nacional, etc.

Periodicidade: Concentrado – em que períodos

Espaçado – semanal, quinzenal, mensal

Tipo de actividade: Jogos, circuitos de habilidades

Regras adaptadas:
Pré-escolas: Regulamento próprio.

Obrigada pela colaboração!